

MOVIMENTO

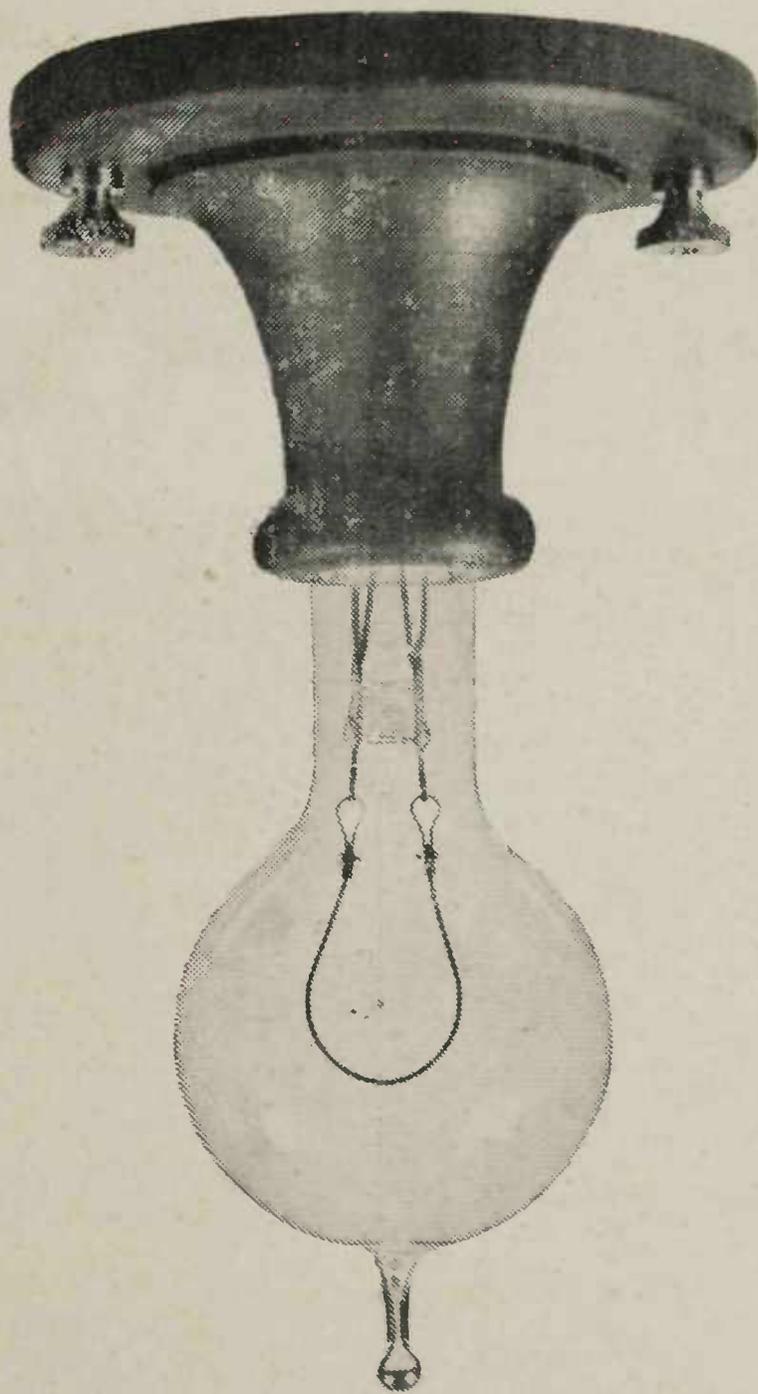
BRASILEIRO

PRIMEIRO ANNO

Numero 10

Director:

RENATO ALMEIDA



A PRIMEIRA LAMPADA INCANDESCENTE

OUTUBRO

PREÇO — 1\$000

RIO DE JANEIRO

Compagnie Générale Aéropostale

50, AVENIDA RIO BRANCO — Rio de Janeiro
Correio Aereo
Linhas C. G. A. Aereas

Horario e taxas de RIO DE JANEIRO

ENTREGAR AS CORRESPONDENCIAS AO CORREIO:

| | |
|--|-------------------------------|
| para Victoria, Caravellas, Bahia, Maceió, Recife, Natal e EUROPA. | } 10 horas AOS SABBADOS |
| para Santos, Florianopolis, Porto Alegre, Pelotas, URUGUAY, ARGENTINA, PARAGUAY e CHILE. | |

Taxas Postaes

A correspondencia transportada nos aviões das linhas **C. G. A.** paga:

Em sellos ordinarios do correio — 1.º a taxa postal em vigor
 Em sellos especiaes do serviço aereo — 2.º a taxa transporte aereo

A taxa de **Expresso** é facultativa

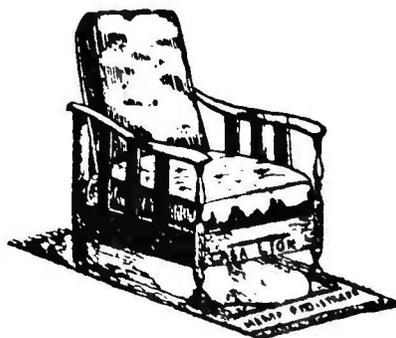
Tabella das taxas de transporte aereo de Rio de Janeiro

| RIO DE JANEIRO PARA: | <i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.</i> | RIO DE JANEIRO PARA: | <i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.</i> |
|--------------------------|---|--|---|
| Pelotas..... | \$500 | Caravellas..... | \$500 |
| Porto Alegre..... | \$500 | Bahia..... | \$500 |
| Florianopolis..... | \$500 | Maceió..... | \$750 |
| Santos..... | \$350 | Recife..... | \$750 |
| Victoria..... | \$350 | Natal.. | \$750 |
| | | F. Noronha..... | \$750 |
| | | | |
| | | <i>Cartas, Bilhetes, por 5 grms.</i> | <i>Impressos, Amostras e Encomendas-por 50 grms.</i> |
| EUROPA.... | 2\$500 | | 5\$000 |
| Uruguay e Argentina..... | 1\$000 | | 2\$500 |
| Paraguay e Chile..... | 1\$500 | | 3\$000 |

"NOVELTY"

COISAS DE ARTE
barão de itapetininga, 59
Phone. 4-7801
São Paulo

MOVEIS E OBJECTOS DE ARTE
MOBILIARIOS PARA ESCRITORIO



Casa Lion

145, RUA DO ROSARIO, 145

Telephone Norte 5153

RIO DE JANEIRO

Pharmacia Heitor Sampaio

RUA EVARISTO DA VEIGA, 30
PHONE C. 3191 — Prox. ao Municipal

GRANDE STOCK DE DROGAS

— Preços reduzidos —

FOSFOROL

O MELHOR TONICO DA CELULA

ORGANICA

MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

PRIMEIRO ANNO

Numero 10

Director :

RENATO ALMEIDA

PACIFICAÇÃO DE ESPIRITOS

ESTHETICA — CONFERENCIA DE RONALD DE CARVALHO

REVISÃO DE VALORES — JOSÉ VERISSIMO, PRECURSOR

DA ANTHROPOPHAGIA

HENRIQUE DE RESENDE — REFLEXÕES SOBRE

ASCANIO LOPES E A SUA OBRA

A CIRCULAÇÃO DE AUTOMOVEIS NO BRASIL

LAURINDO LEÃO NA FACULDADE DO RECIFE

O. B. DE COUTO E SILVA — O CASAMENTO NA AMERICA

REPERTORIO

REDACÇÃO:

R. D. MANUEL, 62

ASSIGNATURA ANNUAL

BRASIL — DEZ MIL REIS

Exterior — Dois dollares

Movimento Brasileiro

ANNO 1 — N.º 10

OUTUBRO — 1929

PACIFICAÇÃO DE ESPIRITOS

Nenhuma dificuldade entrava mais o progresso brasileiro do que a diferença de rythmo do seu crescimento. As condições do norte diversas das do sul, as do litoral das do interior, tudo isso faz com que, num grande continuo geographico, a obra de construção tenha a propria irregularidade das zonas em que se estabelece. Os quadros economicos tão dispares dão contrastes curiosos. Lugares de activa propulsão de energia, com agricultura progressiva, industrias possantes, desenvolvimento economico e potencialidade financeira, e outros primarios, atrasados, retrogados, sem civilização, com o homem entregue a todos os acasos da sorte, da doença e das superstições. A unidade, através de relevo tão complicado e irregular, se faz por uma cohesão psychologica e dominadora, mas não pôde ser ainda o elemento fundamental de inter-harmonia de todo o paiz.

Na actualidade brasileira seria de um theorismo inadmissivel, falar de orientações geraes, quando a contingencia tem sido o guia de nosso crescimento. Naturalmente, ha-de cessar esse dominio do acaso, que ás vezes nos deixa pobre na estrada, como ficou o Amazonas, quando o inglez lhe surrupiou a borracha. Mas, por enquanto, ainda não mudamos de senso e é preciso ver as coisas como se nos apresentam. A divisão administrativa do paiz seria um mecanismo admiravel de mobilidade e força, se fosse real. Mas, o que temos, de facto, é ainda a centralização, de sorte que aquella autonomia municipal, como força nuclear, desaparece no governo do estado que, por fim, se absorve na União. O systema de pesos e contra-pesos da Constituição é falseado, e o paiz vive na dependencia absoluta do governo federal. Elle é o unico senhor da nação. Tudo sae das suas mãos omnipotentes. Decorre dahi a irremediavel contingencia da disparidade de situações, dos privilegiados e dos preteridos na Federação. Ha um irmão mais moço, que foi até esquecido. Paga imposto, mas não vota, portanto não se inclue no regime representativo estabelecido pela Constituição. É esse Acre longinquo e mysterioso.

Mas, o problema brasileiro não está somente nas dificuldades profundas da construcção do paiz, na immensidade de territorio aspero e difficil. Antes de tudo, necessario se torna, sobretudo agora, que os homens de governo compreendem a realidade nacional

e vejam que sómente uma politica de tolerancia resolverá a inquietação de espiritos que, de 1922 a esta parte, domina a nação. Aquelle conceito dos governos fortes precisa de ser revisto. Ninguem lhe nega a essencia verdadeira e justa. Mas, governo forte é antes de tudo aquelle que se assenta na vontade do povo, expressa por qualquer fórma, eleitoral ou não, mas com essa garantia inabalavel. Depois, governo forte não pôde significar arbitrio e prepotencia, resumindo essa força intrinseca do poder na vontade directa e pessoal dos dirigentes. Nada tem sido mais funesto, ultimamente ao Brasil, do que essa innovação, que afinal é uma das ultimas justificativas para a dictadura do poder executivo, que o nosso presidencialismo vicioso acabou por implantar.

Dentro desse espirito não se fará a pacificação geral do Brasil, não se desmoralizarão os espiritos, não se iniciará a politica de entendimento nacional, unica capaz de supprir as deficiencias de um organismo politico, que deve reger, pelas fórmulas representativas, uma communhão que ainda conta 75 % de analphabets. Do contrario, será a irresponsabilidade constante, justificando todos os excessos, uma vez que a origem do poder não pôde ter fundamentos inabalaveis e será sempre, na melhor das hypotheses, uma expressão de minoria. Desde que não ha representação de interesses ligados á terra e sim de governantes, tudo se resolverá num jogo irritante de situações. Ainda ha pouco, foi dito e repetido no Senado Federal, por um dos seus membros mais cultos, que, no Brasil, ha apenas 20 eleitores, para significar que só o poder resolve os destinos do paiz, alheio da nação.

Não é mais possivel negar uma consciencia nacional, que reprova e condemna esses methodos, que deseja intervir na vida brasileira, embora sem saber como fazer para ser ouvida e respeitada, que vive a reclamar, com o instincto aguçado de defesa, a pacificação geral do paiz, a amnistia, a tolerancia, a coordenação de todos os esforços para restabelecer a harmonia brasileira, tão compromettida. Essa consciencia nacional é um attestado vivo da nossa cultura e civilização e mostra que o Brasil não se reduz á massa flagellada e submissa da gente informe, incapaz de ter vontade e, sobretudo, de impol-a. Ao contrario, só nella estará o fundamento dos governos fortes.

ESTHETICA

CONFERENCIA DE RONALD DE CARVALHO

Afigurou-se-me opportuno estudar comvosco, nesta conferencia, promovida pela Associação Brasileira de Educação, os fundamentos de uma theoria de esthetica. Partiremos de uma anthitese, que será a differencial, para concluirmos numa these, que será a integral do problema proposto ao vosso exame. A anthitese articula-se nos termos de um dialogo entre um Alexandrino e um Barbaro. A these pretende justificar o Barbaro.

DIALOGO ENTRE UM ALEXANDRINO E UM BARBARO

O Alexandrino: — Porque abandonaste as oliveiras e os limoeiros, os bancos de marmore e os caramancheis, onde se enrolam as molles trepadeiras daquelles jardins luminosos da antiguidade? Ainda guardo no corpo o cheiro acre dos asphódelos selvagens e ainda permanece nos meus olhos a doce claridade immaterial das auroras tranquillias.

Onde estão os barcos de ouro e as velas de purpura, que iam e vinham, ao sabor da corrente, sobre os rios de aguas puras e desnevadas? E as serenas abelhas, que zumbiam no calice dos lirios? E o mel dos favos delicados? Onde está aquelle espirito do passado, alimento dos deuses e dos heróes? Perdeste a memoria subtil das coisas perfectas, homem irreverente?

O Barbaro: — Filho de uma raça de reitores, comprehendes o passado como um symbolo vasio, sem existencia real. Tua boca melancolica amesquinha e corrompe a unidade infinita do Universo. Tua cidade lasciva será destruida, porque se immobilizou no sentimento de um mytho. Tua gente desaparecerá, porque se confundiu com uma abstracção inutil. Filho de escravos, não aprendeste ainda a lição do ar livre, desse ar livre, pelo qual, através dos seculos, meu povo lutou e lutará?

Falas como um livro. És uma simples imagem litteraria. Teu espirito é um deposito de mentirosas apparencias. Não pensas, repetes. Tuas idéas são como enxames de moscas numa redoma de vidro: giram, vêm e vão, vibram as asas minusculas, sobem e cáem, sempre no mesmo lugar. O sol não queima a tua pelle, porque não tens sangue. Vieste ao mundo para ver um milhão de coisas, mas apenas revês um punhado dellas, automaticamente, porque desconheces a seducção do perigo. Atemoriza-te a vida. Necessitas das luras. traça flexivel. Teus olhos não te pertencem. Teus sentidos estão presos a alguns reflexos inferiores.

E és tu, peça de museu, peão de xadrez nipponico, ventarola de laca, és tu que recordas os deuses e os heróes?

O Alexandrino: — Os deuses e os heróes são o mais bello presente do passado. É de um hoplita vulgar a tua zombaria.

O Barbaro: — Illusão de letrado! Os deuses e os heróes são expressões da energia universal, dessa mesma energia, que é eterna, que não conhece passado nem presente, que está sempre em função do futuro, nas suas perpetuas transformações. Como queres isolar, no Espaço, uma categoria do Tempo? Foi essa contradicção que matou a tua raça. Foi essa teimosia senil que a reduziu a uma tribu apagada e covarde.

O Alexandrino: — Força não quer dizer sabedoria. Os barbaros entraram na Acropole...

O Barbaro: — Raciocinio pedante de sophista! Baralhas as cartas para prejudicar o parceiro, mas só os troyanos achariam engenhoso o teu disfarce. Eu poderia imitar o teu processo e apostar no paradoxo, virando pelo avesso o teu problema, Gorgias Ambiguo. Sabedoria exprime ou não força? Os mais sabios são os mais fortes. Logo, para que os barbaros entrassem na Acropole, era necessario que esta fosse menos forte e, pois, menos sabia. Despreso, porém, a tua arma. Prefiro dizer-te, claramente: Barbaria é renovação. Só os barbaros podem dar liberdade ao mundo. Esqueces a duvida socratica e o incendio maravilhoso do Christianismo? Barbaro é o inactual, é Christo abalando o Estado Romano, Newton criando as bases da mecanica racional, Spinoza effirmando o espirito de livre exame, para subordinar o individuo ao Universo.

O Alexandrino: — O Universo é a ordem, a proporção, a harmonia...

O Barbaro: — Usas palavras elasticas e estereotipadas. Como os philisteus, juras sobre a letra morta. Espantame até não ouvir tambem as outras do ritual: Belleza, Verdade, Gosto. Tudo isso são puros conceitos de relação. A proporção, a medida, a harmonia, a verdade, o gosto e a ordem são puros valores em movimento. Não são ideogrammas, são idéas dynamicas, em perpetua transformação.

Os teus gregos que fizeram o Parthenon, não são superiores aos nossos mecanicos, que inventaram a locomotiva, as pontes de aço, a telephonia, a telegraphia. Porventura será mais harmonioso o combate de Achilles e Heitor, em torno do cadaver de Patroclo, que

os duelos aéreos de Guynemer ou de Fonck? Os altos fornos de Essen ou de Pensylvannia contêm tanta materia emocional quanto as paisagens de Theocrito ou Vergilio.

Cegou-te a penumbra das bibliothecas. Não observas que vivemos no cyclo da Machina, com os seus heróes, os seus Reis, os seus prophetas e os seus servos, como o da Tavola Redonda e o da Illiada? A Machina é uma das mais altas formas da realidade humana. É o prolongamento do cerebro do homem, que deformou a materia primitiva, para vibrar com ella e fecundal-a energicamente.

O Alexandrino: — Adorador do bezerro de ouro, os signos da tua civilização se inscrevem no calendario dos progressos materiaes.

O Barbaro: — O progresso material é apenas uma formula concreta do progresso espiritual. O instrumento mais humilde, o martello ou a roda, é a representação de uma idéa. Quanto mais rica de substancia fôr uma idéa mais perfeito será o instrumento, mais alto será o progresso humano. Pelo dominio da materia o homem sahiu da caverna para a cidade.

A humanidade está sempre recomeçando as suas experiencias, mas isso não quer dizer que ella possa voltar atrás. Aceitar o passado, como um dogma, seria voltar atrás. Entendes o passado erroneamente. Elle é apenas um ponto de referencia para retificar as novas posições que vamos conquistando. Não é uma formula immutavel, se não um instrumento auxiliar das nossas pesquisas. Os que se voltam para atrás, desaparecem. O seculo IV, da tua Grecia, paralysoou-se na imitação de Phidias. A Escola de Bolonha foi a sombra do riso fresco de Venesa. O seculo XVIII, em França, é simplesmente a maquette grosseira da tragedia de Racine.

O Alexandrino: — Negas, todavia, a obra de Eschylo, de Platão ou de Aristoteles?

O Barbaro: — Discutes como um grammatico, alinhando exemplos, enleiado nas malhas de postulados pueris. Não nego ninguém. Tenho horror aos falsos espiritos, que são eschylianos, platonicos ou aristotelicos. Se o homem criador pensasse, como tu, não passariamos das grotas de Altamira. Não vês que a propria geohistoria revela a humanidade mudando continuamente de posição na Terra? Sem isso, teu Phidias não ultrapassaria as representações schematicas da esculptura quaternaria do Brunniquel ou da Dordonha. Gravaria antilopes em laminas de osso. E os teus athletas não correriam em quadrigas, mas, vestidos de pelles asperas, caçariam ursos e javalis.

Teu passadismo é a peor fórmula de lirismo intellectual. Quando falas em passado comettes, insensivelmente, um erro de essencia. Não o consideras um bloco indivisivel, massiço, uma corrente sem solução de continuidade. Escolhes uma porção dessa substan-

cia homogenea, separas um elo dessa cadeia ininterrupta, e ficas certo que defendes o passado, quando apenas sustentas mera preferencia caprichosa. Para o teu preciosismo, civilização é igual a cultura greco-romana. E porque não indo-germanica, semitica, maya, incaica ou azteca? Será que julgas as pyramides “sem nobreza”, a exemplo daquelle professor athenophilo, Mr. March Phillips, que distribue premios de bom ou mau comportamento aos povos do planeta?

O Alexandrino: — Não podes contestar, entretanto, que os gregos attingiram o maximo grau de cultura que é possivel conceber. Que apresentas, depois delles?

O Barbaro: — Corrijo-te. Os gregos attingiram o maximo grau de cultura que é possivel conceber, *das as suas possibilidades*. Depois delles, para não ir mais longe, apresento Roma. O Direito Romano é uma obra de arte em nada inferior aos Dialogos de Platão ou aos tempos da Attica. E, como a cidade grega succedeu ás da Asia Menor e do Egypto, ás conquistas da Republica e do Cesarismo vieram incorporar-se os principios de Bysancio e as instituições goticas. Um homem de bom senso, para exprimir-me no teu calão, repelle naturalmente o ingenuo postulado passadista. Se não ha dous momentos iguaes no instantaneo clarão da intelligencia, como aceitar a imposição dessas regras invariaveis, com que acenas?

O Alexandrino: — Não podemos destruir as construcções que nos herdaram os seculos. É isso o que desejas.

O Barbaro: — Observo, com prazer, que mudas de táctica, embora mantenas o tom solemne das orações do *Senatus*. Se eu fosse cruel, poria aqui uma citação de Lucrecio, bello typo de barbaro, na opinião dos Cenaculos. Prefiro falar claro. O que sempre destruimos, o que precisamos destruir, a cada passo, é a passiva intolerancia dos herdeiros. Juliano e Bonaparte são exemplos modelares do herdeiro intolerante. Um, tentando reavivar a fé pela disciplina exterior, “lá fé senza la qual ben far non basta”, outro, o imperialismo latino, por effeito da vontade individual. Nem um dos dous conseguiu reconstituir a obra do passado, porque ninguém pode retroceder.

Como queres tu, na era do mecanismo, do micrometro, do magnéton, de Pierre Weiss, dos “quanta”, de Planck, da physica do discontinuo, de Perrin; na era do “Woolworth Building”, dos caldeamentos ethnicos na America, das florestas que se convertem em campos de cultura, dos desertos que se vestem, subitamente, de florestas; na era da etheroplastica, da metapsychica, da exaltação e da vertigem, nas mesmas sciencias ditas exactas, como queres tu calçar sandalias de corda, untar os musculos com azeite de oliveira e ir arremessar o disco ou jogar o pugilato na pista dos Gymnasios?

Ha uma tradição de heroismo no passado: a da

revolta contra o passado. Essa é a verdadeira tradição que os homens novos de todos os tempos respeitaram. Gorgias Ambiguo, és um herdeiro intolerante. Morrerás sobre as tuas moedas como um vilão sem fortuna.

O Alexandrino: — Fôra Barbaro ! Pallas Athena te salve !

A JUSTIFICAÇÃO DO BARBARO

Se o nosso alexandrino poderia invocar o testemunho de Schiller, que desafiava "qualquer homem moderno a disputar com qualquer atheniense o premio da Humanidade", poderia tambem o nosso barbaro louvar-se, com maiores razões, naquella profunda lição de Goethe affirmando que "a natureza é uma perpetua renovação de formas: o que existe nunca existiu antes: o que já existiu não voltará jámais."

Apresenta-nos a historia das idéas estheticas duas estradas paralelas: a dos dogmaticos, a dos idealistas absolutos, a dos que subordinam o phenomeno esthetico a uma categoria metaphysica; e a dos relativistas, a dos que consideram o phenomeno esthetico através dos processos de introspecção psychologica. Prendem-se aos archetypos de Platão, inspirados na tradição oriental, todas as theorias especulativas sobre o Bello. É conhecida a these da "reminiscencia", do philosopho atheniense. Baseia-se ella em um perfeito dogma da quéda. Lembra-se o homem, na vida terrena, de haver contemplado o maravilhoso spectaculo das Idéas ou Essencias Eternas, quando a sua alma girava entre a dos bemaventurados, no cortejo de Zeus. Pela vista, sentido nobre por excellencia, procurava elle voltar á Perfeição, e da Belleza material e tangivel dos corpos ascende, por um impulso de amor, á suprema unidade divina, fundindo-se com a substancia immortal, de onde procede.

Tal hypothese foi, mais ou menos, retomada por todos quantos tentaram assentar principios de esthetica metaphysica. O idealismo de Plotino e da escola de Alexandria, transmittindo-se ao mundo romano e á escolastica medieval, prolongando-se ao humanismo do Renascimento, trouxe até nós, desfigurada, por vezes, mas repetida sempre, a dialectica do generoso grego. Quando, no seculo XVIII, em seguida á querella dos antigos e modernos, o espirito critico francez attrahiu sobre a assumpto a attenção da Europa, começaram a surgir, já em systemas, os primeiros ensaios de esthetica. Varios seculos de rhetorica influiram, necessariamente, na floração de tantas regras para distinguir a "essencia do bello", o "conceito da Verdade e da Belleza". o "criterio da utilidade na obra de arte" e outras abstracções.

J. P. de Crousaz, no seu "Traité du Beau", fundamentando-se nos principios cartesianos, abriu o caminho á discussão, asseverando a relatividade do bello. A idéa era singular, e, certamente, iria contribuir mais

tarde para alargar o estudo da materia. Mas Crousaz, embora estabelecesse o criterio da variedade do gosto, restringiu o papel da imaginação na obra de arte, submettendo-a ao sentimento e á razão.

Incontestavelmente mais penetrante foi o genial Dubos, nas "Reflexions critiques sur la poésie et sur la peinture", quando, em 1719, antecipando Taine, sustentou a importancia dos factores mesologicos na criação artistica. Reagindo contra o cartesianismo dominante, Dubos adivinhou, tambem, Spencer e a escola inglesa, ao explicar a emoção esthetica pelas "paixões artificiaes." Para elle, o sentimento era o verdadeiro interprete da arte, e esta um puro phenomeno de relação entre o homem e a realidade. Já não pensava, assim, o padre André, autor do "Essai sur le Beau." Com elle, entramos outra vez nas categorias do Bello absoluto, nas divagações do "bello essencial", do "bello natural" e do "bello humano". Entramos, outra vez, na theoria das unidades, que nada explicam e nada exprimem, porquanto se apoiam em palavras e considerações inconsistentes, porque indemonstraveis. Que quer dizer isso, porventura: "Affirmo, pois, que uma obra de eloquencia ou de poesia só é verdadeiramente bella quando nos depara, sobre passagens excellentes, uma especie de unidade que lhe imprima caracter de harmonioso conjunto. Unidade de relação entre todas as partes que a compõem; unidade de proporção entre o estilo e a materia; unidade castiga entre a pessôa que fala, as coisas que profere e a maneira da dicção." (pag. 77). O padre André, mais do que Mithouard, tinha o tormento da unidade...

No correr do seculo XVIII, depois do abbade Dubos, foi Condillac, em seu "Essai sur l'origine des connaissances humaines", quem propoz novas soluções ao problema. Voltaire limitou-se, no "Dictionnaire Philosophique", a emittir alguns conceitos subteis, mas sem espirito systematico. Vale a pena, comtudo, mencionarmos sua celebre invectiva contra os esthetas metaphysicos:

"Demandez à un crapaud ce que c'est que la beauté, le "to Kalon" ? Il vous répondra que c'est sa crapaude avec deux gros yeux ronds sortant de sa petite tête, une gueule large et plate, un ventre jaune, un dos brun. Interrogez un nègre de la Guinée: le beau est pour lui une peau noire, huileuse, des yeux enfoncés, un nez épaté. Interrogez le diable: il vous dira que le beau est une paire de cornes, quatre griffes et une queue. Consultez enfin les philosophes: il vous répondront par du galimatias; il leur faut quelque chose de conforme au prototype du beau en essence, au "to Kalon".

Partidario da relatividade esthetica, embora inexplicavelmente utilitarista, como W. James se mostraria entre os pragmatistas de hoje, Voltaire, no seu "Essai sur la poésie épique", já se espantava da critica de Boileau, que se esforçava por fixal-a em for-

mulas, quando a essencia della é mudar continuamente, como as linguas, os costumes e os povos. "Dans les arts qui dépendent purement de l'imagination, il y a autant de révolutions que dans les États; ils changent en mille manières, tandis qu'on recherche à les fixer."

A luta pela expressão — eis como se traduz, para Condillac, toda a Esthetica. Desde as suas mais alongadas manifestações — na dança e nas ceremonias collectivas, na mimica e no gesto — revela-se a arte como um esforço para a libertação das nossas emoções, dos nossos instinctos fundamentaes. A idéa de justificar o desenvolvimento esthetico pela experiencia individual é uma verdadeira previsão dos nossos sistemas modernos de introspecção psychologica. Quem vê a obra de arte encontra o seu prazer e, quem a faz, espontaneamente o exprime.

Todos os escriptores do seculo XVIII, entretanto, com poucas excepções, confundiam o bello com o util. Voltaire, Rousseau, Diderot emprestaram á arte uma finalidade social. Homens da encyclopedia, filhos de um momento de encontradas experiencias politicas, elles não poderiam comprehender, facilmente, á semelhança de Montesquieu, que existe na arte um principio de "desinteresse fundamental". Esse "principio de desinteresse" não foi, tambem, observado pela maioria dos philosophos da escola, germanica, á exclusão de Kant, que não vislumbra finalidade na arte, e, repetido, mais tarde, por Schiller e Schopenhauer, via nella um motivo de prazer.

Os idealistas e eclecticos francezes da primeira metade do seculo XIX, como Keratry, Quatremère de Quincy, Victor Cousin, Lammenais, Ch. Lévèque ou Proudhon oscilaram entre um moralismo utilitario, a que poderiamos chamar pragmatismo esthetico, e um idealismo absoluto, gerado nas formulas hegelianas. O empirismo proudhonesco, sustentando que "dez mil aprendizes de desenho valem mais, para o progresso da arte, que a producção de uma obra prima", pode comparar-se, no erro da visada, com a teimosa abstracção de Cousin, legislando, como o Creador, sobre o verdadeiro, o bello e o bem.

De maior interesse para nós, sem duvida, são algumas observações de Stendhal sobre a relatividade da arte e o extremo individualismo na creação esthetica, ou as theorias de Th. Jouffroy, discipulo tresmalhado de Cousin, sobre a funcção da "sympathia" no sentimento esthetico. No seu livro "Promenades dans Rome", conta Stendhal uma breve anedocta, onde se condensa o melhor da sua interpretação esthetica. Diz elle: "Canova était trop bon et trop heureux pour nous hair; ja pense seulement que souvent il ne nous écoutait pas. Je me souviens qu'un soir, pour exciter son attention, Melchior Gioja lui dit: "Dans les arts que s'éloignent des mathématiques, le commencement de toute philosophie, c'est le petit dialogue que voici: —

Il y avait une taupe et un rossignol; la taupe s'avance au bord de son trou, et, avisant le rossignol, perché sur un acacia en fleur: "Il faut que vous soyez bien fou, lui dit-elle, pour passer votre vie dans une position aussi désagréable, posé sur une branche qu'agite le vent, et les yeux éblouis par cette effroyable lumière qui me fait mal à la tête." L'oiseau interrompit son chant. Il eut bien de la peine à se figurer le degré d'absurdité de la taupe; ensuite il rit de bon coeur et fit à sa noire amie quelque réponse impertinente. Lequel avait tort? Tous les deux... Un homme préfère le Déluge de Girodet au Saint Jérôme de Corrège... s'il est aimable et nous presse de bonne foi de lui donner une réponse, continuait Melchior Gioja, je lui dirai: "Monsieur, vous êtes le rossignol et moi la taupe; je ne saurais vous comprendre..."

A reacção determinista, da escola ingleza, e o aperfeiçoamento dos methodos experimentaes imprimam, nas ultimas decadas do seculo findo, nova orientação ás pesquisas da esthetica. Taine lança o seu objectivismo, Sainte-Beuve propõe a sua historia natural dos espiritos, E. Hannequin affirma que a obra de arte commove apenas os que têm affinidades com ella: "une œuvre d'art n'émeut que ceux dont elle est signe."

A theoria do meio condicionando o genio oppõe-se a do genio creando o meio. Spencer, Sully, Grant, Allen, na Inglaterra, seguidos, em França, por Ch. Renouvier, Th. Ribot e outros, afastam da arte esse character sagrado que lhe davam os idealistas ou aquellas preocupações utilitarias, que lhe assignalavam os sociolatas revolucionarios, e a reduzem a um "superfluo de vida", a uma "actividade luxuriosa", a uma "forma de jogo."

Contrariando a theoria da "arte-jogo", Guyau, acompanhado por Nietzsche, Moirac e os bergsonistas, desenvolve a formula da *arte-viva*, sem precisar, porém, os termos da sua equação. O que ficou de pé, depois dessa longa controversia de seculos, é que a arte não pode ser explicada nem pelas categorias absolutas da metaphysica nem pelos methodos experimentaes apresados, como aquelle famoso de Brunetière, quando propunha ingenuamente, em "L'Evolution des Genres", a instituição de uma critica "fundada na historia natural de Darwin e Haeckel."

No phenomeno esthetico, a primeira coisa que devemos considerar é a força da expressão individual e humana que recebemos delle. Não houve um só metaphysico, um só idealista capaz de explicar as formulas e as regras predeterminadas para a creação da obra de arte. Quando elles postulam que a ordem é o fundamento da esthetica, deixam o problema sem solução. Que é ordem? É uma categoria metaphysica, variavel consoante a interpretação a que formos determinados. Ordem não quer dizer "realidade", nem

"proporção", nem "medida", nem "bom gosto", nem "bom senso", nem o "bello", em summa. E porque? É facil responder com a propria historia do homem.

Se ordem exprimissem realidade e arte exprimissem ordem, as tres categorias se confundiriam numa só, o que seria a negação de todas. O conceito de ordem é relativo, eis o que nos evidenciam as bases da propria esthetica. Dentro de um mesmo paiz e de uma mesma raça elle varia profundamente. O grego confiante e epico, de Homero, não é o mesmo grego mordaz e indiscreto, de Aristophanes. A ordem de um é diferente da do outro, embora as condições mesologicas permanecessem iguaes.

Se ordem indicasse proporção, com que ficaria o espirito metaphysico, com o Parthenon ou a Notre-Dame de Paris? Attico quer dizer fino, gotico quer dizer barbaro. O templo grego, feito para uma cidade pequena e para uma raça amiga da luz, das linhas rectas, das superficies nitidas, recebeu naturalmente "proporção" distincta da cathedral da Ilha-de-França. O polytheismo realista e material desenvolveu-se no sentido das fórmas limpidas, o christianismo inquieto e mysterioso aprofundou-se na consciencia angustiosa, em face do destino.

Se aceitassemos uma *ordem pré-estabelecida*, condemnariamos o Parthenon ou a Cathedral. Com os dois não seria licito ficar, por um vulgar principio de logica. Eu *prefiro*, por exemplo, ao monumento de Athenas e ao de Paris, o *Woolworth Building*. *Prefiro*, mas não direi que os outros sejam mesquinhos e desproporcionados, e *prefiro* porque sinto a energia da minha epoca desdobrar-se, naquella massa de sessenta andares, com toda a vertigem perigosa da vida.

Se ordem fosse medida e bom gosto, a tragedia de Shakespeare, livre e tumultuosa, sem regras de rhetorica, sem delicadezas de vocabulario, sem normas de estilo, seria inferior, certamente, á tragedia de Scudéry ou de Calprenède, onde as tres leis da unidade scenica brilham em todo o seu esplendor. Deante do "Combate dos Centauros e Lapithos", da metope do Parthenon, como explicariamos o "Combate dos Centauros e dos Lapithos", de Miguel-Angelo? Deante da Venus, de Cnide, como explicariamos o Christo de Donatello, o Balzac, de Rodin, o Heraklés, de Bourdelle ou a Maternidade, de Mestrovic?

Se ordem fosse bom senso, aquillo, por exemplo, a que Boileau chamava "chat un chat et Rollet un fripon", isto é, o respeito á estructura do verso, o horror aos habitos e tautophonias, como admirar, simultaneamente, o alexandrino de Racine e o de Victor Hugo ou o de Verlaine ou, ainda o de Verhaeren? Entre o canto gregoriano, baseado em combinações de sons largos e breves, reunidos em metros variados, e a polyphonia, com os seus rythmos aggrupados em rigorosas medidas, entre a notação neumatica do pri-

meiro e a notação proporcional do segundo, onde iriamos ajustar o bom senso?

Se ordem fosse simplesmente o bello, como distinguiriamos a obra de arte, entre o desenho maravilhoso de Ingres e o desenho rispido e secco do Greco, entre o colorido macio de Delacroix e o colorido violento de Matisse, Van Donghen ou Cezanne? Chegamos aqui, portanto, ao ponto culminante do problema. Ha uma ordem, em arte, porque em tudo ha um determinismo secreto. Em verdade, entretanto, "uma esthetica absoluta é mais impossivel que uma logica absoluta." O relativismo do phenomeno esthetico, sem duvida, não comporta nem uma categoria limitadora da sua expansão. E o conceito do bello, mesmo como "promessa de felicidade" ou como "jogo artificial" é uma limitação injustificavel.

A civilização, no seu conjunto, é uma obra de arte, o que vale dizer, uma deformação da realidade natural em proveito da realidade humana. Depois de feita a cabana e construida, na pedra, a primeira arma, o homem separou-se da natureza, como animal, para integrar-se nella pela intelligencia, para violal-a e possuil-a. Pelo sentimento esthetico percebeu elle a grandeza do spectaculo que o mundo lhe deparava. E sendo illimitado, esse sentimento não poderia ser bello, não poderia ser definido, porque, se elle o definisse, teria ultrapassado a sua propria contingencia.

"A associação da idéa de belleza á idéa de arte, disse Graça Aranha, numa pagina genial da sua obra, é perturbadora para a verdadeira explicação do sentimento esthetico. Nem um preconceito tem sido mais vivo do que este faz do bello o fim da arte e sua razão de ser. A essencia da arte, que está naquelles sentimentos vagos da unidade do Universo, communicados pelos contactos sensiveis, não pode restringir ao conceito abstracto do bello. O bello é um perpetuo equivoco entre os homens."

Ninguem melhor do que Epinoza, quando se referiu aquelle estado de plenitude do ser em face do mundo, aquella miraculosa alegria da *quiescencia in se ipso*, definiu o sentimento e as correspondencias que a obra de arte desperta no homem.

Em que especie ou categoria de ordem *pré-estabelecida*, com as suas consequencias logicas de "belleza", "bom gosto", "proporção" poderiam enquadrar-se as scenas de pura luz, de Monet, a pintura sem construcção real, de Picasso, a poesia innumeravel de Whitman ou a musica do *Sacre do Printemps*, de Stravinsky? Cada obra de arte revela, portanto, uma ordem. Cada artista é uma formula nova do Universo.

Condemnar, a priori, qualquer expressão esthetica, é o mesmo que accusar de amargo o pepino ou a agua de insulsa. A obra de arte é uma lei — decorre livremente da natureza das coisas.

Revisão de Valores

A critica é uma incessante revisão de valores e a que intentamos agora procura determinar o que perdura na contribuição dos nossos maiores escritores ao patrimonio espiritual do Brasil. Este phenomeno da duração é o mais raro e mais precioso que pôde succeder a um autor. Que privilegio é esse de atravessar camadas de sensibilidade que se vão sobrepondo no tempo, permanecendo elle sempre vivo, interessando sempre ás gerações que se vão succedendo? E porque outros, que foram dominadores do seu tempo, envelhecem rapidamente, perdem os seus escritos a vibração e morrem, restando apenas o nome isolado dos seus livros, que ninguem mais lê?

A nossa revisão é uma experiencia critica do valor dos escritores brasileiros, em relação ás coisas do tempo e uma indagação do destino que lhes está reservado. Não discutiremos as suas idéas, ou a projecção que possam ter fóra da literatura. Procuraremos fixar a essencia de cada um delles, a sua correlação com o nosso tempo, o que sobrevive e o que morreu. A nossa analyse será serena e desinteressada, intervindo nella, como em todas as dessa ordem, os elementos inseparaveis da sensibilidade e do juizo dos julgadores. Estes os collocarão dentro do espirito moderno, procurando reflectir as suas tendencias mais caracteristicas. E nisso estará, por certo, o maior merito desta tentativa.

Julgamento transitorio e relativista, como tudo na vida, será revisto por outros, mas quer exprinir com segurança o depoimento dos que, nessa indagação, procuram estabelecer as grandes referencias espirituaes do Brasil futuro.

JOSÉ VERISSIMO, PRECURSOR DA ANTHROPOPHAGIA

Onde estão os precursores desse movimento de critica feroz, que procura renovar o Brasil, resuscitando suas forças selvagens e que se proclama anthropophagia? Não serão os poetas e escritores romanticos, Basilio da Gama, Gonçalves Dias, Santa Rita Durão, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, que falsificaram os indigenas e os fizeram herois homericos, theatralmente cavalheiros lusos? Os precursores seriam os que se identificaram com os indios, que os estimaram na sua rudeza, na sua ferocidade primitiva e repelliram indignados a mystificação de todas as catecheses? Seria Couto de Magalhães, na sua genial intuição do *Selvagem*; seria Barbosa Rodrigues nas suas mentirosas e encantadoras visões da alma dos indios; seria Baptista Caetano, o prodigioso constructor dos alicerces do communismo selvagem; seria esse nativo da Amazonia, comedor de pirarucú e de tartaruga, bebedor de bacaba e de assahy, José Verissimo, mameluco de sangue tupi, que escreveu, no extraordinario livro *Scenas da Vida Amazonica*, o estudo vingador sobre as populações indigenas. Couto

de Magalhães exclama revoltado: "o indio catechesado é um homem degradado. Cada tribu que nós aldeiamos é uma tribu que degradamos." Verissimo, numa indignação ancestral, faz o processo da colonização: "A historia registra com horror os crimes atrozes que, á sombra da Cruz e da Lei, se praticaram. Ella conta envergonhada os leilões em que os indios eram vendidos em almoeda, as marcas infamantes, as perseguições crueis, um apparatus vergonhoso e degradante da escravidão. A luta dos avidos colonos com os ambiciosos jesuitas veiu ainda agravar o mal, concorrendo para augmentar o odio daquelles pelo indio, que tenazmente disputava-lhes o terreno e accrescentava a crueldade dos senhores. Os famosos *resgates* eram verdadeira e muitas vezes inutil caçada de homens até serem destruidos a ferro e fogo tribus inteiras." Verissimo mostra a miseria psysica e espiritual, que resultou do conubio forçado do selvagem com o portuguez. Do esplendor physico do indio, do seu lirismo primitivo, da sua faculdade criadora, Verissimo dá magnificos testemunhos por entre explosões de indignação: "Chamado ao

gremio da civilização, o indio perdeu o caracter accentuado de selvagem, não só moral, mas também o physico se lhe modificou, como é facil reconhecer no tapuio, que filho de indio, como indio já se differencia delle. O tapuio é de estatura baixa, corpo grosso, côr carregada de canella, nariz chato e largo nas extremidades; nas mulheres, os seios molles, as cadeiras desenvolvidas. No mameluco curiboca, os signaes externos são os do tapuio com differenças insignificantes. No mameluco do segundo e terceiro gráo, ha muitas vezes regressão ao tipo puro do indio primitivo. É mais alto, esbelto, fronte relativamente curta, mas sem pellos, olhos menos obliquos e mais vivos; nas mulheres, seios duros, espadas e collos bellissimos. Quando não ha essa feliz regressão, conclue Verissimo, esta gente, quer tapuia quer mameluca, está profundamente degradada." Quanto á espiritualidade do indio, antes da sua degradação, são luminosas as observações de José Verissimo. "O gentio do Brasil, diz o escritor, devia ter tido uma civilização mais perfeita, do que a do resto das tribus exparsas pelo nosso extenso interior e sob certos pontos do que a dos seus descendentes actuaes. Baptista Caetano lembra, para provar o estado de civilização dos indios, a lingua em caminho de progresso, a preparação de conservas por meio do fogo, uma certa agricultura, o fabrico de *kaqui*." E Verissimo acrescenta: "O abatimento a que chegou a arte ceramica, tão florescente outr'ora, é uma prova eloquente que as perseguições, a falsa catechese, todos os crimes que a cubiça baixa engendrara, fizeram de uma raça selvagem uma gente abastarda. Quem ha visto o resto da louça de nossos selvagens, desentranhadas da terra pelas investigações dos naturalistas, e admirado as fórmulas bizarras mas elegantes das *igaçauas*, estudado-lhes as gregas caprichosas, o desenho correcto e comparado com a louça grosseira, pesada e desforme que o tapuio e o mameluco fazem hoje, não pôde deixar de notar essa decadencia que principiou sem duvida logo apoz a conquista, porque nas excavações encontra-se a louça mais perfeita nas camadas inferiores e a mais grosseira nas superiores."

Quaes foram os responsaveis dessa degradação espiritual e artistica do selvagem? O critico pre-anthropophago, desassombradamente, como é de seu temperamento e da ideologia que o inspira, aponta o colonizador portuguez e os missionarios da catechese. Já vimos como elle estigmatizou os crimes dos colonizadores chamados civilizados. Mas, que era Portugal, nesse periodo de colonização do Brasil? Verissimo responde: "Portugal foi sempre, ainda nos seus mais gloriosos tempos, uma nação intellectualmente atrasada. A nação viveu quasi sempre, no dizer de Camões, *no gosto da cubiça e na rudeza d'uma austera, apagada e vil tristeza*." Cubiça e tristeza, os legados lu-

sitanos da tristeza brasileira. "A sua mesma posição geographica, prosegue Verissimo, que aliás tanto concorreu para sua gloria, atirando-o ás famosas e longinquas navegações, afastava-o do movimento geral da civilização européa e, neste afastamento, não só procurou, mas empregou todos os meios para retel-o a classe ecclesiastica, que bem cedo fez desse maldado paiz a melhor e mais segura das suas presas no mundo civilizado. Tudo que havia de vitalidade neste povo abafou o catholicismo, primeiro, sob o dominio esterelizador do espirito monastico, depois nos carceres, nas torturas, na fumarada das fogueiras da inquisição e, por fim, debaixo da influencia nefastissima do ensino jesuitico." Eis o colonizador leigo, militar, funcionario. Agora, o missionario, no julgamento anthropophago de Verissimo: "A missão jesuitica também, apesar de ser a mais intelligente das que não ensaiado a catechese, concorreu muito e de proposito deliberado, para tornar os selvagens desconfiados, gerar nelles o odio ao colono e por conseguinte á civilização que este trazia, porque afim de afastal-o da concorrência ao dominio da terra, que os ambiciosos socios de Jesus pretendiam exclusivamente, os padres o apontavam aos indios como inimigo cujo contacto de relações deviam fugir." Dessa oppressão dessa vil espoliação, o unico desafo era o terror que o indio inspirava. Seculos depois, Verissimo alegrase canibalescamente, escrevendo: "Tal era o pavor dos indios, que apparecendo algum destes nas praias de jesuitas, ao som de badaladas que occultava tudo, o primeiro que se fazia invisivel era o padre."

A preocupação de conhecer exactamente a contribuição que nos deu o indigena, antes da sua degradação pela catechese, levou-o a estudar a influencia do tupi-guarani na nossa lingua, sobretudo na popular, concluindo que "esta influencia da lingua falada pela raça vencida e inferior que, como acabamos de ver, foi tão grande sobre a syntaxe e a lexicologia da lingua conquistada e superior, resalta com maior evidencia quando se estuda os vocabulos por ella introduzidos nesta." E publicou uma serie de palavras tupi-guaranis usadas na Amazonia e em pratica corrente naquella região. Quiz Verissimo demonstrar assim que, embora o dominio do conquistador tivesse aniquilado o autochtone, não conseguiu, contudo, apagar os vestigios da sua força, de que a linguagem é sem duvida expressão significativa. Foi esse também um meio de pugnar pela emancipação do Brasil de Portugal, outra idéa constante do seu esforço brasileiro, que anthropophagicamente se manteve alerta, até que outras influencias e, sobretudo a vinda para o Rio de Janeiro, lhe amortecessem o vigor.

Na Amazonia escreveu, aos vinte e poucos annos, o seu grande livro — *Scenas da Vida Amazonica*, pintando a vida miseravel da gente humilde e fla-

gellada que habita essas regiões, cuja descrição Verissimo faz com simplicidade e intenso realismo, despida de toda "literatura". São quadros de vida e evocação, os melhores que temos, nesse genero. As povoações espoliadas, funcionarios, seringueiros, vaqueiros, tratantes e ledrões, toda a gente espavorida ou a crapula desenfreiada, e fauna monstruosa e varia, a floresta condensada, toda a vida do ambiente exorbitante, apparece nos flagrantes tragicos desses contos, alguns dos quaes, como *A Sorte de Vicentina*, são admiraveis de força e dramaticidade. Foi o mestre de toda a literatura da terra amazonica e é consideravel a sua influencia sobre Euclides da Cunha, os srs. Alberto Rangel e Monteiro Lobato e em geral sobre os nossos regionalistas.

A sua ardente reacção nativista permanece em outros aspectos da sua obra e está no nacionalismo constante, no seu modo de entender a educação nacional, e, sobretudo, no odio ao portuguez e ao padre, os dois elementos de perversão do indigena, odio que sempre o inflammou numa desforra ancestral. As suas proprias incorrecções de linguagem, o seu estilo pelegoso e desagradavel, a sua pessima dicção não

devemos levar á conta da sua anthropophagia? Não seriam reacções contra a civilização e seus instrumentos de ordem e harmonia? O mau escritor não estaria porventura em funcção do mameluco revoltado?

A critica de Verissimo é canibalesca. Devorou Olavo Bilac, devorou Valentim Magalhães, devorou os symbolistas artificiaes. Comeu de *muquem* quasi todos os escritores e o proprio Joaquim Nabuco não escapou á sua voracidade, quando lhe criticou *Pensões Detachées*, enfurecido contra o mysticismo catholico que os animava. Era ainda o odio de sangue, sobrevivendo no mau humor constante de um eterno deslocado. Só mais tarde, esse fundo foi recalcado. Já no Rio de Janeiro, longe da sua Amazonia fabulosa, José Verissimo se deixa, graças sobretudo á funesta influencia de Machado de Assis, intoxicar pela cultura e as idéas universaes o absorvem. Torna-se anarchista e communista, entusiasma-se por Kropotkine e Tolstoi, preocupa-se com os homens e as coisas estrangeiras, dissolvendo-se assim o seu primitivismo. Mas, quando a censura não está alerta, escapam do subconsciente as revoltas oprimidas, mas sempre vigilantes, em accentos de incontida violencia. O anthropophago nunca succumbiu.



Reflexões sobre Ascanio Lopes e a sua obra

HENRIQUE DE RESENDE.

A obra de Ascanio Lopes é um depoimento claro e insofismavel da sua mocidade intelectual. Já doente e gasto, como que prevendo a proximidade do seu fim, o seu corpo envelhecera, dia a dia, com uma violencia impresumivel, — mas o seu espirito, dia a dia, renovara, dando-nos magnificos poemas de juventude e força nova. Ele como que se evadiu da frase de Nietzsche, do "dansamos acorrentados", para viver, em espirito, mais intensa e velozmente, os poucos dias que lhe restavam. As circumstancias não lhe domaram as forças de coração: antes, aumentaram-nas de potencial e de vigor. E nessa luta do *não ha tempo*, na sua vertiginosa carreira pela terra, Ascanio, que nunca imprecara, que nunca blasfemara, sublinhou, contudo, a sua obra, de uma ironia penetrante e subtil. Seja internado no sanatorio, onde sofrera talvez a maior das suas comoções, seja isolado em sua afastada casinha de Cataguazes, já á beira do tumulo, ele sentia uma irremovivel vontade de escrever, de esbanjar o

ouro de lei que emergia espontaneo á flôr da sua intelligencia. E deu-nos, entre outros, os admiraveis poemas de *SANATORIO*, que em breve alguns amigos farão editar. Algumas dessas pequenas obras primas, sobre serem belas, pela dor que as transfigura, refletem, no espelho polido dos seus prismas claros, essa *mocidade intelectual*, que acima referimos, e que é uma das mais profundas caracteristicas do escritor moderno, seja deante da alegria, seja deante da dor. Longe de imprecação ou de blasfemia, elas traduzem, por vezes, na sua estoica serenidade, esse estado de desespero e de angustia, que o poeta sempre ocultou aos nossos olhos, mas era bem facil á comprehensão da nossa amizade. Outras vezes é a abstracção absoluta. Seus versos parecem tocados de imaterialidade, e o poeta simples de paginas atrás é agora de uma inesplicavel transcendencia, como que, já afastado dos homens, ou quase liberto da argila humana, escrevesse unicamente para os seus sentidos.

*"E debruçou-se no alto da torre alta.
Mas deu um grito de dor,
porque, lá embaixo, embaixo, as estrellas brilhavam mais
no espelho das aguas paradas."*

Ascanio Lopes foi desses homens tristes que vivem sorrindo. Amante da ironia e do remoço, sempre com um sorriso paradoxal a iluminar-lhe a grave palidez do rosto, era ele, porém, um melancólico, — fundamental e estruturalmente melancólico. *Serão do menino pobre, Ambiente de infancia*, e, bem assim, quase todas as suas produções de POEMAS CRONOLÓGICOS, constituem provas irrefragáveis dessa melancolia dominante na sua obra. SANATORIO não fugiu, nem podia mesmo fugir a essa imposição da sua psiché, dadas as circunstancias que todos conhecemos. Na condição de adotivo de um casal sem filhos, recebido com dez dias apenas de idade, e sempre acarinhado com um amor extremo, Ascanio não teve propriamente infancia.

"Eu fui a creança remelenta que as mães acariciam, que diverte as visitas com os seus modos de homem sensato."

Não teve essa infancia cortada do riso claro de outras creanças.

*"Na minha infancia vivi ezilado da vida,
porque a vida, eu já supunha, não eram as aulas crueis
e as ladainhas interminaveis á hora do adormecer."*

Em meio de gente triste e coisas tristes o am-

biente em que se formou endoloriu ainda mais a sua sensibilidade de poeta nato, — e ele é homem maduro aos doze anos. O defeito de criação na formação do individuo, como salienta Ruskin. Tornou-se um perplexo diante da vida. Daí esse ar de enfado e decepção pelas coisas, nunca podendo rir o riso todo da alegria, mas podendo sempre tragar, embora recalcado e reprimido, todo o pranto da dor humana.

"Eu sei... Eu sei..."

Mas não choro.

O pranto é amargo e inutil

e em vão nosso clamor tenta alcançar os céos.

Não desespere...

— De nada vale o desespere ante as coisas irremediaveis."

A sua produção é realmente escassa. Mas essa escassez não impede que a sua obra constitua um motivo de justo orgulho para a sua vida. Funcionario publico e estudante de direito, a sua vida absorvente e afanosa não lhe deixava tempo para segregações mais longas e mais lentas maturações do espirito. Mas, mesmo assim, sem essa alegria creadora que tanto personalisa o homem moderno, quanta mocidade nessa indisciplina de criação, nessa amplificação de intelligencia, nesse constante desdobramento de personalidade, realizando, na sua insatisfação, aquilo que ele realmente desejava realizar: uma obra — pequena que fôsse — mas que valesse como um depoimento do que ele foi na sua passagem rapida pelo mundo.

A circulação de automoveis no Brasil

Uma estatística recente dava o total de 301.914 autos e 331.588 caminhões que circulavam na França em 1 de janeiro deste anno, equivalente a um automovel para 39 habitantes. As nossas estatísticas no genero são deficientes e tardias, seja por falta de dados positivos que deveriam ser fornecidos pelas municipalidades, seja devido á vastidão do territorio, que impossibilita a pesquisa desses elementos.

Entre os trabalhos apresentados ao Congresso Rodoviario, realizado ultimamente nesta capital, figura o da Directoria Geral de Estatística, concernente ao movimento circulatorio no territorio da Republica. Essa estatística é colhida nos dados de importação de vehiculos e apura-se, segundo esse trabalho, que o Brasil possuía em dezembro de 1927, 131.757 automoveis de todos os typos, contra 102.907 em 1926 e 73.537 em 1925. Com a importação registrada em 1928 de 45.379 automoveis calcula-se em cerca de 180.000 o numero de vehiculos de auto-propulsão existentes no Brasil nessa data.

Não sabemos, porém, se nesse computo estão comprehendidos os autos que são armados em S. Paulo

nas succursaes da Ford Motor Company e nas officinas da General Motors do Brasil, e cujo numero ascende a centenas. Em 1927 havia, segundo essa estatística, 89.852 automoveis para passageiros, 2.230 omnibus e 1.600 motocyclos, 37.832 auto-caminhões e 243 ambulancias. Ao augmento crescente de automoveis corresponde á maior extensão de rodovias que em 1928 tinham 113.570 kilometros para as rodovias em trafego contra 53.248 kilometros em 1925, isto é, mais de 50 %.

A importancia da importação de autos em 1928 orçou em 226.371:565\$000 contra 177.635:160\$000 em 1925.

Santos importou no anno passado 36.566 vehiculos no valor de 172:278:000\$, enquanto o Rio importou 4.701 no valor de 32.550 contos de réis, o que se explica, não só pela isenção da taxa ouro do porto de Santos como porque S. Paulo é o distribuidor de outros estados, como Matto Grosso, Paraná, Goyaz, sul de Minas e Triangulo.

No Districto Federal foram licenciados em 1928 14.282 automoveis.

Laurindo Leão da Faculdade do Recife

LUIS DA CAMARA CASCUDO.

Laurindo Carneiro Leão, professor de Philosophia do Direito, no primeiro anno.

Regular de estatura, largo de hombros, passo miúdo, certo, infatigavel, continuo. Eterno frack preto sobre eterno collete e calças brancas á Rio Branco. Botinas negras, baratas, folles, onde a margem da calça trepava infalivelmente. Desajeitado. Destrahido. Distante. Cabello branco, revoltado. Bigodes duros, cahidos e dois olhos calmos onde as pupillas verrumavam a tra vez do grosso crystal do pince-nêz.

A Faculdade inteira estava cheia das tradições de Laurindo. Laurindo, primeiro que Wundt, classificára as sciencias num criterio identico. Herdara os habitos das velhas figuras que espreitavam, immoveis e graves, da moldura doirada na sala dos Lentos. Elle mesmo levava compras como Paulo Baptista. Era pouco discutidor e dialectico como José Hegino. Dava impressão do homem que se desilludira e cansara. Cansara dos homens e dos livros.

Ensinava subjectivamente. Sem olhar, sem ouvir, sem notar o ambiente. Balançando o pé, perna passada pela outra sahindo na porta da cathedra, rouco, sem methodo de expor, sem demorar raciocinios, sem schemar escolas, sem precisar caracteristicos, falava...

Recordava para si-mesmo leituras feitas, cotêjos realizados, variantes descobertas. Parecia alheiado, livre a vontade pairava longe e era o solto automatismo inconsciente que repetia, mechanica, impassivel, nitidamente a lição do dia. O olhar passeava toda sala num brilho fôco, vazio de luz interior.

Professor desde 1891 conhecia o estudante. Todo elle para si era o mesmo. Não lhe sabia o nome nem se interessava pelo evoluir de suas idéas. Durante duas decadas demorou um anno de attenção em José Cordeiro, menino-livro, philosopho da alegria que a Morte se encarregou de entristecer para sempre.

Laurindo sabia da incultura, da ignorancia integral, do desprezo, da criminoza zombaria do estudante por tudo quanto não representasse meios immediatos de ganhos futuros. Não o illudia a pyrotechnica dos artighões-louvadores e a exhibição mnemonica dos nomes.

Voluptuoso do pensamento puro, sem formas de agir e de fixar systemas, ensinava na convicção absoluta da inattenção congenita do auditorio. Nas horas de exame-final quem quizesse copiava-lhe o livro in-

teiro. Laurindo não via, não reprovava, não corregia. O estudante, com ou sem vontade, sentia um vago reproche naquella complacencia indifferente. Que a vida lá-fôra seleccionasse, estrangulando em successivas derrotas ante a competencia, a solerte velhacaria pueril do "sabido" caloiro de Direito.

Aquelle velho de fala arrastada, lenta, de curiosidade intixavel, de riso enigmatico foi uma das minhas grandes saudades da Faculdade.

Só elle era vibração, animo, coragem, coherencia. Não tinha alliados. Não tinha discipulos. Não fazia proselitos na irradiante sympathia de Joaquim Pimenta. Não estava em correntes politicas. Não queria nada.

Numa aula, apathico, mastigando phrases, ia elle soltando a lição monotona pelo desinteresse. Subito, interrompido por uma noticia, um telegramma, um credito injustificavel, uma pretirição, um derespeito a Lei, uma violação aos costumes juridicos, um nome, uma data, uma curva mais baixa no diagramma social do Brasil, Laurindo sustinha a voz expirante e fraca. E volvia, num segundo, o homem verdadeiro que nunca se apagára na mancha lilaz do capello. A palavra surgia brusca, acre, expontanea, envolvente, formidavel. Factos, datas, criticas, tudo brotava e ia sendo carreado na onda sonora da vehemencia. Uma rajada de entusiasmo inopinado, insopitavel e rude, prendia todos. A lição madorrenta e lerda mudara-se em attitude viva de preleção vibrante e alta. E de todos os "annos" fugiam rapazes. A porta enchia-se. O recinto ficava parado, pezado, morto. E troava sempre, mais moça e mais forte, aquella voz de trinta annos de trabalho e de fé.

Laurindo perorava falando no imperio incompressivel do espirito e da justiça. Toda turma oscillava, atrahida, subjugada, fremente, pedindo como expressão physica da descarga nervosa, um hiato no discurso para cobri-lo de applausos. De repente estalava a tosse persistente, roufenha, interminavel. O velho Mestre rubro, de braços estendidos, olhos chispando ascuas, interrompida o fio daquella suggestão miraculosa. Erguia-se, rapido —

"— Não sou mais homem para estas cousas..."

A porta da cathedra fechava-se numa pancada ponto-final.

E Laurindo sahia, já sereno, impassivel, auto-controlado, indifferente sob a tempestade de palmas...

O CASAMENTO NA AMERICA⁽¹⁾

O. B. DE COUTO E SILVA.

"O casamento — disse-me ha pouco um amigo meu, que é uma das maiores forças em nossa cultura — é para mim um circulo de giz com que se prende um perú; pôde-se saltal-o quando se quer e com mais facilidade do que se pensa".

Mas, como os riscos sociaes e religiosos é que inibem o nosso querer, como os riscos de giz é que inibem o querer do perú, eu não vejo, a não ser pelo gosto do paradoxo, onde a facilidade de saltal-o commodamente.

A qualidade mais importante que tenho para tratar do assumpto, é ser solteiro. Porque o veterano Bernard Shaw, quando lhe pediram a opinião sobre o matrimonio, respondeu: "nenhum homem ousa escrever sobre o casamento emquanto tenha a mulher viva, a menos que elle a odeie". Si eu fosse casado, pois, as minhas palavras seriam pelo menos attribuidas a alguma inimidade pessoal.

A falar seriamente, as unicas credenciaes que me aucto- rizam a falar de um problema em que tenho pensado completamente é ser um legitimo representante da juventude de hoje. Simplesmente, porque eu comprehendo os tempos que correm.

Parece-me que as vozes que se têm feito ouvir sobre o assumpto chegam-nos indistinctamente como écos do seculo passado. Os homens da geração que nos precede murmuram sobre o casamento palavras sem significação para nós, do mesmo modo que para elles nada significam dous factos essenciaes para quem quer exprimir o matrimonio em termos actuaes; esses dous factos são: a independencia da mulher e a civilização da machina, correlatos e interdependentes.

Ambos encontram o maximo de expressão na America: é esta a razão pela qual foi focalizado o casamento na America, como mais particularmente interessante.

Realmente, a mulher tem lá maior independencia — independencia hoje em dia significa independencia economica — do mesmo modo que lá a civilização da machina, que a revolução industrial trouxe, é mais accentuada que em qualquer outra parte do mundo.

O aspecto religioso será cuidadosamente ladeado.

Praticamente a America é um paiz Protestante. É sabido que o Protestantismo se acha dividido em duas classes; os Fundamentalistas, conservadores, e os modernistas, ousados e liberaes. Uns e outros têm entrado no fogo vivo das discussões. Mas, praticamente, o Brasil é catholico. De nada adiantava fazer intervir discussões religiosas, de mais em conflicto entre si.

Tomo em principio que o Catholicismo não seria contra a evolução do casamento. Faço minhas as seguintes palavras de Wells, uma das melhores cabeças de Inglaterra: "muitos inclinam-se a pensar ser a Igreja Catholica opposta a qualquer dissolução do casamento ou da familia como parte de sua fé. Mas é um erro completo. É facto que é contra o divorcio, mas annullará o casamento com a maior facilidade.

É falso, diz ainda Wells, accusar a Igreja Catholica de rizeja particular. E conclue que si taes annullações não são frequentes, não é que a doutrina as prohiba, mas porque os

habitos, a organização e o senso commum daquela communi- dade são contra o rapido recurso dessas libertações".

A minha attitude mental diante do problema matrimonial será a attitude do critico.

Vou colher factos, idéas, impressões esparsas.

Tentar contel-os num grande molde. Vêr á luz do melhor conhecimento, idealismo e experiencia dos tempos que correm como se engrenam e se articulam, e tendo o espirito livre de convenções, de romantismo e de velhos tabús.

Expôr primeiramente o que o Prof. Alfred Whitehead chama de "clima mental", que é o estado geral de idéas cor- rentes em certo tempo. Exprimir-me a respeito dellas honestamente e vigorosamente, medindo-as em escalas que me pa- recem justos, exactos.

Não que eu seja possuido do que Carl Sandburg, o admi- ravel cantor de Chicago, chama de "maravilhosa rebellião do homem contra todos os avisos de "é prohibido".

Mas aproveitar o aproveitavel das experiencias dos ou- tros, ás vezes penosas e cheias de dôr.

Descerrar as janellas do edificio brasileiro e olhar com cuidado em torno...

Mas abrir as janellas para que? É que a civilização da machina não conhece distancias...

E mais: a mudança de ambiente social já se faz sentir, um pouco por influencia do cinema.

É preciso reajustamento de idéas, que é lento.

E si não tomarmos cuidado ellas caminharão como não seria novidade no Brasil: como avalanches.

Exclusivamente com essa mira elevada é que vou procurar descrever o clima mental do casamento na America de hoje, nessa nossa conversa, que não é uma conferencia direitinha, arrumadinha, tudo bem ligado. Mas é uma conversa de pro- pósito desalinhavada, apresentadas pequenas photographias aqui, ali rapidos quadros impressionistas e acolá um certo "jazz-impressionism", aspecto inevitavel da vida americana, e ficando a reconstrucção a cargo de cada um.

Uma pergunta ainda: Deve-se admittir a evolução do ca- samento?

A historia do casamento faz resaltar dous factos: elle sempre obedeceu a um certo padrão e esse padrão tem sido em toda a parte extremamente variavel.

É o que se deprehe de dos livros classicos de Westermarck, que conheço sómente atravez de referencias ou do curiosissimo livro de Letourneau sobre "La condition de la femme dans les differentes races et civilizations".

Hevelock Ellis — a maior auctoridade ingleza em sexo- logia — é quem os grypha para deduzir que "elles nos alli- viam das preocupações desses individuos fracos sempre re- ceitando o "afrouxamento dos laços matrimoniaes" e permit- tem-nos comprehender que as pessoas que falam a respeito do solapamento do casamento e da subversão da moral estão apenas se referindo de maneira presumpçosa ao sempre exis- tente processo de mudança — de "progresso", si assim pre- ferirmos chamal-o, em que a vida consiste e sem o qual nada teriamos, a não ser a rigidez da morte".

E conclue Ellis — de quem já se disse ser um perito em moldar a verdade em formas vivas e luminosas:

(1) Conferencia realizada na Associação Brasileira de Educação.

"Quando isso é claro, encaramos o casamento com animo sereno, sabendo que não estamos dando curso a noções loucas e radicais, mas presos ao velho habito de mudança, que tem caracterizado a raça humana, desde os primeiros dias da historia do mundo".

Vamos agora contemplar alguns "sketches", transportando para a nossa conversa a technica dos theatros de revista.

Numeros soltos, de cortina, diferentes em tudo, e sem connexão apparente á primeira vista.

Um methodo para bombardeamento de impressões.

A construcção do edificio fica ao cargo de cada um, já disse...

VELHO PADRÃO DE CASAMENTO

"Casaram-se e foram muito felizes!" Tal e qual nos contos de fadas. Mas quem acredita?

De velho padrão de casamento eu chamo ao casamento ainda muita vez, infelizmente, actual e corrente entre nós.

Antes de pintal-o em rapidas pinceladas, vou fazer escala indispensavel na "psychologia da mulher".

A psychologia da mulher é cousa que eu por aversão constitucional sempre me recusei a fazer.

Recuei ainda mais com o aviso cauteloso de Mencken, H. L. Mencken, que na opinião da Encyclopedia Britannica é "a maior força critica na America".

Diz elle: "o homem é inseparavel de suas congenitas vaidades e estupidezes, como o cão é inseparavel de suas pulgas. Revela-se em tudo o que diz e faz, mas revela-se no maximo quando se mette a discutir o magestoso mysterio da mulher". Foi então que me decidi a fazer uma covardia com Mencken. É que elle, além de autor da serie de "Preconceitos" e do "Livro de Prefacios" o é tambem de "Em defesa das mulheres". Vou cotejal-o simplesmente. Si o quadro psychologico está errado, lembrem-se que é de Mencken, do American Mercury, o Propheta do Menckenismo, que a mocidade americana segue com entusiasmo. De qualquer modo, será uma oportunidade para alguns para travar relações com uma das personalidades mais curiosas da America de hoje.

Julga Mencken, "que no estado actual da senilidade humana, argumentar ainda sobre a intelligencia das mulheres é uma prova eloquente de observação defeituosa, do incuravel preconceito e da geral imbecilidade de seus mestres e senhores. Provar que as mulheres são intelligentes, ora, é perder tempo precioso devotando-o á sagacidade das serpentes, dos "pick pockets" ou da Santa Igreja".

Ainda mais: as mulheres têm monopolio de certas formas mais uteis e subteis da intelligencia, e tanto que os homens que possuem essas formas — embora esses homens sejam do typo de Napoleão, Bismarck, Goethe, Shakspeare, ou Lincoln — têm até certo ponto, alguma cousa de feminino que lhes veiu com o leite materno. As intelligencias masculinas — diz elle — são acompanhadas desse perfume de feminilidade e a completa masculinidade e estupidez são ás vezes inseparaveis.

A chamada intuição feminina nada mais é que intelligencia. As mulheres decidem sobre as maiores questões da vida, rapida e correctamente, continúa Mencken, não porque sejam adivinhadoras felizes, nem porque sejam divinamente inspiradas, nem porque tenham herdado dos selvagens alguma magia, mas simplesmente e unicamente porque têm senso. Vêem duma olhadela o que os homens para vêr necessitam de pharões e telescopios. "São as supremas realistas da raça. Apparentemente illogicas, são ao contrario armadas de rara e subtil super-logica..."

São armadas dessas armas, além de outras, que ellas vêm as luctas matrimoniaes. Os interesses são oppostos — diz Mencken. Os homens têm interesse em se casar tão tarde quanto possivel, ao passo que a mulher procura um marido favoravel, tão cedo quanto possivel.

As mulheres procuram o casamento realisticamente, não sentimentalmente, e pensam sempre na situação economica. Nem mesmo a belleza masculina peza para effecto matrimonial. Segundo Mencken, "talvez alguma caixeirinha se apaixone por um galan de cinema ou alguma solteirona semi-idiota succumba diante de um joven com hombros como um Parthenon; mas uma mulher que se respeita, não confessaria tal loucura nem á amiga mais intima".

O que a mulher quer é conforto e segurança. Ella não tem illusões a respeito do amor á primeira vista, almas gemeas e tolices masculinas semelhantes. Está prompta aliás para se apaixonar — como se diz — por algum homem elegivel; mas em geral conhece mais de um nessas condições.

Quanto ao homem... O homem em regra se casa sentimentalmente, pela regra classica de se apaixonar.

Mencken exceptua os homens latinos e as aristocracias, que se casam por interesse. Creio que ainda aqui é excepção.

Os homens procuram de facto romance no casamento, embora para Mencken haja tanto romance no casamento como na venda de uma mula. E negocio e negocio de turco — diz elle — em que o homem perde sempre. Para obter precisamente o que quer, ganha sempre um lote de cousas que não quer.

Mas a queda, a queda fatidica sempre se dá.

A mulher finge acreditar na illusão que o homem que se apaixona tem santa e ingenuamente.

Quanto ella vê o sorriso tolo delle — lembrem-se que é Mencken, H. S. Mencken quem vem falando — e quando o vê revirar os olhos tão alto quanto póde, vê que realizou o desastre intellectual que é o apaixonamento. Faz com elle o que quer. Salvo por vontade de Deus, se é um homem casado.

É assim que Ella e Elle entram no casamento de velho padrão...

A CIVILIZAÇÃO DA MACHINA

A revolução industrial trouxe, atravez da época nova das communicações, além dos aspectos mecanicos conhecidos, uma profunda modificação em todo o systema social. C. H. Cooley, em "Social Organization", pinta-nos admiravelmente as alterações mecanicas basicas de quasi tudo que é caracteristico na psychologia da vida moderna.

"As modificações sociaes consequentes, de um modo geral, significam expansão da natureza humana.

É possivel á sociedade organizar-se cada vez mais firmada sobre as mais elevadas faculdades do homem, a intelligencia e sympathia de preferencia á autoridade, casta ou rotina."

Significam liberdade, vistas largas, e infinitas possibilidades. O character geral dessas alterações diz elle, é bem expresso em duas palavras: alargamento e animação. Contactos sociaes são extendidos no espaço e acelerados no tempo, e as unidades mentaes que os implicam tornam-se mais largas e alertas. O individuo tem a vista alargada em relação com vida maior e mais variada, e mantido elevado nesse tonus ás vezes em excesso, pela multidão de alterações moveidicas que a vida lhe traz.

Será curioso notar o "ethos" ou "standards" culturaes de nossos dias.

Werner Lombart, em "Quintessencia do capitalismo", mostra que as characteristics do homem de hoje são as cara-

cterísticas das crianças e só estas. Os homens de hoje são crianças grandes no meio de seus brinquedos mecanicos.

A criança é dominada por 4 ideaes.

O primeiro é a grandeza physica, por ex., julgando-se pessoas grandes, imaginando gigantes enormes. Tal e qual no homem de hoje, dando tanta a quantidades, ao mero tamanho. A mania das cousas maiores de todas. Na America a maior admiração é reservada ao dinheiro e tudo expresso em dollars. Quando se compra um chapéu bom a gente nunca se esquece de dizer "my 15 dollars hat". São de todos os dias os exemplos de Sombart nos noticiarios dos jornaes. "Hoje o yacht de 1/2 milhão de dollars do Snr. Carnegie entrou na bahia". O Rembrandt de 50.000 d. exposto na Galeria X, etc... Essa attitude mental leva aos homens a produzir no maximo, a realizar o maximo, a querer o maior successo.

O 2.º ideal quando domina a criança é o movimento rapido, brusco, correndo, girando em torno da meza. Para o homem moderno o mesmo ideal de velocidade. Andar no automovel a 100 kgs., espiar os chifres da vacca no velocimetro (a vacca é n.º 100), ou torcendo pelo major Seagraves quando se projecta pela "Golden arrow". E veiu então o novo conceito de bater o record a exprimir toda a megalomania e toda a pressa do nosso tempo".

O 3.º ideal da criança é a novidade: muda de brinquedos, nunca acaba uma occupação porque é puxada para outra.

A mesma cousa para o homem de hoje. "Nunca houve cousa alguma igual. "Sensacional" e como produz effeito em nosso espirito. Jornalismo sensacional, livros sensacionaes. Sensações novas. Parece que todo o mundo encarna o navegador hespanhol á cata do "algo de nuevo"...

O 4.º ideal infantil é o *senso do poder*, que a criança descobre quando arranca as azas da borboleta e que a envaidece quando contempla o seu papagaio de papel elevando-se alto.

O *senso de poder* é o quarto caracteristico do espirito de nossos tempos.

É importante para a criança, porque exprime sua fraqueza. É verdade que no homem exprime, do mesmo modo que sua grandeza não é senão apparente, diz elle. O Bismark que Ludwig nos pinta, homem de aço, não o sentia certamente porque é realmente grande. Mas sentem-se os que chegam precipitadamente ao poder, sem ser realmente grandes, mas a geração actual infantil admira os inventores, os millionarios, Jack Dempsey e os voadores transatlanticos e a todos os detentores de poderes superficiaes...

A MULHER MODERNA

Foi então que veiu vindo a mulher moderna. Vinha economicamente independente. Quem lhe deu essa independencia foi a machina. As machinas, dizendo mais precisamente, fazem interdependencia. Independe a mulher em todo o caso da familia e de um marido obrigatorio, um marido bôbo qualquer. O casamento deixou de ser a unica escapatória, o fim de tudo até de fuga da familia, o unico refugio para segurança e protecção. Veiu cantando. Encontrou o homem creança grande, brincando no meio de seus brinquedos mecanicos.

O automovel, a guerra, a psycho-analyse, o "birth control" vieram vindo. Tudo vertiginoso.

Estava tão longe o tempo das suffragistas com os brados de "suffragio universal", "reforma de modas", "protecção á maternidade"! A mulher moderna sorria com um doce sorriso de commiseración e de agradecimento para as heroínas tragicomicas do feminismo, perdidas num passado historico...

A mulher nova, sempre alegre, cantando. Queria desen-

volver a sua personalidade á sua custa e risco. Veiu se educando. Queria afirmar-se, expressar-se, realizar alguma cousa.

Certamente que fez muita tolice tambem. Muitos homens falaram mal della. Alarmaram-se com grito de "o que é bom para o homem é bom para a mulher tambem". Escreveram muitos livros, artigos, columnas e columnas. "A moralidade da mulher em transição". "A nova moral da mulher". O homem não era, mas imaginava e queria que a mulher fosse timida, pudica e monogamica.

Que a mulher nova fez e faz muita bobagem, faz, mas vae ganhando experiencia. É assim que se aprende.

Eu creio que conhecem os trabalhos de Thorndike, conhecido neurologista e psychologo de N. Y., sobre como os animaes aprendem. Põe uma gallinha com fome na gaiola, com comida á vista. A gallinha dá pulo p'ra cima, p'ra baixo, dá bicadas, grita, em esforços cegos e desorientados, fazendo quasi tudo que seu organismo é capaz de fazer para escapar da gaiola. É o que Thorndike chama de "trial-and-error activity", actividade de experiencia e erro. No entanto, depois de abrir a porta por acaso, fixa a maneira de escapulir em habito, só repetido certo numero de vezes.

A mulher esteve tanto tempo engaiolada... Não foi posta lá pelo homem — já é tempo de se fazer justiça — mas foi presa pelas suas proprias condições physiologicas.

Libertou-se. É natural que no começo uzasse mal sua liberdade.

Erros femininos, passageiros, tão sem importancia comparados com os masculinos, que duraram seculos...

Mas, emquanto a mulher moderna sentia o extase da sua revelação a si propria, comprehendendo-se numa vida alargada, feliz com o contacto das experiencias novas e surprehentes, comquanto falando sempre alegremente no casamento, ia pondo tensas, tensas "os indestructiveis laços matrimoniaes" até rompê-los com o *divorcio*.

DIVORCIO

Nos Estados Unidos o divorcio é corrente.

Com excepção da Russia e da Ukrania, as suas taxas de divorcio são maiores que em qualquer outro paiz civilizado.

As leis são estaduaes, com malhas mais ou menos largas. Em Carolina do Sul não os ha absolutamente.

Reno, cidade de Nevada, é o lugar de eleição para um divorcio rapido. É quasi elegante o emprehender viagens divorciaes a Reno ou a Paris. Em grande escala representa o que tendemos a fazer com o divorcio em Barra Mansa e uruguayos.

As causas são, em estatistica de 1926, anno em que houve cerca de 180 mil casos: abandono do lar, cerca de 32%; crueldade, cerca de 39%; adulterio, menos de 10%.

Mas, em grande maioria, essas allegações são fraudulentas. Allega-se um motivo — a carga recahe sobre o marido em geral: cruel, maus tratos, desertor do lar, outróra bebado. O americano, que tende a pôr a mulher em pedestaes, recebe-a cavalheirescamente. Mas nunca se allega a causa verdadeira, a unica sã, como se faz em tantos paizes da Europa, principalmente escandinavos, por incompatibilidade simplesmente que leva ao divorcio de mutuo accordo e mutuo consentimento.

Assim como o casamento deve ser livre, o divorcio deve ser livre tambem. Já se disse que o casamento não deve ser mantido só porque duas pessoas cahiram juntas numa armadilha e não sabem como escapulir.

O movimento pelo divorcio é aliás universal. Eu o creio sómente vantajoso, mesmo levado aos limites extremos.

Hoje ha um grande movimento a favor desse typo civilizado de divorcio, atravez de jornaes como "The Nation", editado por Oswald Garrison, e que exerce larga e vigorosa influencia sobre a vida americana. Homens da respeitabilidade do Juiz Hoffman, de Cincinnati, e do Juiz A. Lewis de Chicago, declararam-se por elle; o ultimo affirmou que em 50 a 60 % dos casos sobre que decidiu houve allegação de uma causa falsa.

Não quero insistir sobre o divorcio. Não sou advogado delle. Aliás o divorcio dispensa. A civilização da machina virá infallivelmente trazel-o.

REVOLTA DA MOCIDADE

Quem acompanha a vida americana, está ao par da ardente e tempestuosa revolta da mocidade, que transborda por conferencias, jornaes, livros, cinemas, theatros. Fala-se em "the revolt of youth" — "tout court" e todo o mundo comprehende.

Revolução contra os preconceitos moraes, dizem.

Batem-se por uma "nova moral" que ameaça fazer ruir a familia — instituição totemica na opinião delles e o matrimonio.

Eis como dous delles, Calverton e Schmalhausen, a justificam em prefacio de livro recente:

"A geração mais nova comporta-se como um louco que em um momento de lucidez tenha de repente descoberto que os medicos que o tratavam eram loucos tambem. Os mais edossos, que por tanto tempo têm sido os guardiões sagrados da civilização, desempenharam-se tão mal de seus papeis, que perderam irremediavelmente a sua influencia para com a mocidade do mundo".

Como vêem, é um grito de guerra.

Veiu augmentar-lhe as labaredas o livro que o Juiz Lindsey publicou em 1925 sob o titulo "A revolta da mocidade". Ben A. Lindsey é hoje um nome nacional na America, já pelo ardor e sympathia com que trata da causa dos moços, já pela sua respeitavel posição de Juiz da "Côrte juvenil e de relações domesticas" em Denver, grande cidade de Colorado. As côrtes de relações domesticas são côrtes desconhecidas em nosso paiz. Mostram o cunho pratico que os americanos dão a seus problemas: vizam regular e equilibrar todas as desavenças e complicações domesticas. Essa côrte agora accrescida e entregue a Lindsey fôra dedicada secular e modeladamente aos crimes e reformas de menores.

Ao seu livro, Lindsey poude ajuntar grande cópia de material authenticico, que o torna por isto altamente impressionante.

Não vou analysal-o. É um livro de 364 paginas, meio massudo e escripto cruamente.

Affirma Ben Lindsey que as condições que pinta não são peculiares a Denver, mas talvez sejam aggravadas em outras cidades e villas dos Estados Unidos.

Publicações uteriores vieram mostrar ter elle razão: a fogueira se alastrara pelo paiz todo.

Vejamol-a atravez das vozes conservadoras da Conferencia Nacional de Hygiene Social realizada em Newack em 1925. Transcripção "ipsis litteris" dos resumos:

Frederick Harris, da A. C. de Moços, appella á geração mais velha para suprrir á mocidade com factos, e então deixal-a encarar seus problemas, inteiramente livre da attitude dogmatica do passado.

O Dr. Rachel Yarros, do Conselho de Hygiene Social, sugere "seja elevado um ideal aos moços, e suppril-os com fa-

ctos da sciencia, philosophia e ethica para permittir á mocidade estabelecer um contacto do ideal com a vida de todo o dia".

O Dr. Ira Wile, conhecido publicista e educador, de New York, vae mais longe: "A mocidade é honesta, a mocidade é critica, a mocidade está revoltada contra a hypocrisia social e procurando um jogo franco. A mocidade será a nossa creadora de uma nova moralidade".

Como veem, ruga a tempestade. A causa desencadeadora foram a onda de descrença que correu pelo mundo depois da guerra. Os escolhos do puritanismo, que impregna tão fortemente o solo americano, é que fizeram as ondas subir tão alto.

Até onde vão elles? Não se sabe. Nem elles proprios. Já se disse que estão um pouco como o homem que, fugindo de um urso bravo internou-se pela floresta. Perguntado a onde ia, respondeu: "eu venho de algum lugar, não vou a lugar nenhum".

(Continúa)

SEMPRE A MESMA COISA...

O ataque de todos os tempos aos innovadores nem siquer varia nas expressões. Se são contra os scientistas, estas passam a charlatães; se, contra escriptores e artistas, são loucos; se contra politicos e sociologos, são revolucionarios. Isso dura até serem as novas idéas aceitas e tranquillamente se tornarem classicas, despertando novas revoltas e assim por diante.

Exactamente vimos fazendo essas considerações a proposito de uma leitura dos ataques que soffreram os impressionistas e que, como se verá, em nada differem dos que fazem aos artistas da vanguarda actual. O insulto ou a tollice permanecem, só variam os nomes. Quando, em 1874, se abriu a primeira exposição impressionista, em Paris, na galeria Nader, foi tal o escandalo que teve de ser fecnada. Um senhor Pierre Véron achava que os papeis pintados, em primeiro estado, valiam mais do que uma marinha de Monet — *Impression: soleil levant*. E, commentando esse titulo, baptizou a nova escola de impressionista, através deste topico do *Charivari*:

"Ah! le voilà, le voilà! s'écria-t-il devant le numéro 98. Je le reconnais, le favori de papa Vincent! Que représente cette toile? Voyez au livret: *Impression: Soleil levant*. Impression... J'en étais sûr. Je me disais aussi: "Puisque je suis impressionné, il doit y avoir de l'impression là-dedans" Et quelle liberté, quelle aisance dans la facture! Le papier peint à l'état embryonnaire est encore plus parfait que cette marine-là!"

Individuos imbecis tomavam ares de piedade e mesmo homens, como Huysmans, julgavam que tudo aquillo era symptoma de casos de loucura. Em 1876, noutra exposição, Albert Wolff assim escreve: "A rua Peletier tem azar... Cinco ou seis doidos, dentre os quaes uma mulher, um grupo de infelizes com a mania da ambição, se juntaram para expor as suas obras..." George Rivière, num artigo na *Chronique de l'art et de la curiosité*, diz:

"MM. Claude Monet et Cézanne, heureux de se produire, ont exposé le premier trente toiles, le second quatorze. Il faut les avoir vues pour s'imaginer ce qu'elles sont. Elles provoquent le rire et sont cependant lamentables. Elles dénotent la plus profonde ignorance du dessin, de la composition, du coloris. Quand les enfants s'amuseent avec du papiers et des couleurs, ils font mieux. MM. Levert, Guillaumin, Pissarro, Cordey, etc., ne méritent pas qu'on s'arrête devant eux."

Não é o mesmo que se repete hoje em relação aos modernos?

REPERTÓRIO



AS ANUIDADES DO PLANO YOUNG.

Por serem desconhecidas do nosso publico, damos a seguir, resumidas e segundo as publicações officiaes, o capitulo importantissimo que se refere ás annuidades estabelecidas pelo "Plano Young", que é o accordo financeiro a que chegaram as potencias aliadas e o Reich, em relação ás dividas oriundas da guerra. A principio, procurando sollucionar essas difficuldades, aquellas potencias concordaram em tratar com a Allemanha, no que se refere ao pagamento das indemnisações e reparações de guerra, mediante um plano geral traçado em momento opportuno, pelo então senador norte-americano, general Charles Dawes, depois vice-presidente da Republica, juntamente com o presidente Calvin Coolidge, e hoje embaixador do seu paiz junto á Córte de St. James. De accordo com o "Plano Dawes", havia um quadro geral de annuidades, ou melhor prestações, que a Allemanha deveria satisfazer aos aliados dentro de determinados prazos. Aconteceu, entretanto, que, devido á exiguidade dos prazos, a Allemanha verificou não lhe ser possivel cumprir as obrigações estipuladas nas épocas determinadas.

Para remover taes difficuldades, accordou-se na importante Conferencia das Reparaciones, que se realizou em Paris, durante o periodo de mais de vinte dias, em que estiveram representados todos os paizes interessados, pelos seus melhores peritos financeiros. Assim, por exemplo, os Estados-Unidos, ao invés de enviarem uma delegação de politicos, mandaram um conjunto admiravel de technicos financeiros, dentre os quaes se destacaram os srs. O. D. Young e J. P. Morgan,

o famoso banqueiro estadunidense. Como resultado da Conferencia, foi apresentado á consideração dos governos o que se chama commummente o "Plano Young".

Com o fito de evitar detalhes extremamente technicos, damos a seguir as principaes recommendações estabelecidas pelo referido plano, no que concerne ás annuidades que a Allemanha deverá pagar aos aliados, dentro das bases seguintes:

a) Os Governos fixarão a data exacta em que o "Plano Dawes" cessará de funcionar para ser substituido pelo "Plano Young". Procedendo a esta fixação, os Governos terão que considerar os calculos feitos tomando-se em consideração o facto de que o "Plano Dawes" deixasse de ser applicavel a 31 de Outubro de 1929.

b) Os pagamentos considerados pelo "Plano Dawes" deveriam ir até o fim do anno actual de reparações, isto é, até 31 de Agosto de 1929.

c) O novo plano entrará em vigor a partir de 1.º de Setembro de 1929, com o valor de 37 annuidades, até 31 de Março de 1966, devendo juntar-se ao montante os pagamentos que se referem ao "Plano Dawes".

d) Para que o pagamento das novas annuidades coincidissem com o exercicio financeiro da Allemanha o "Plano Young" estabeleceu um quadro geral de annuidades de categoria especial a partir de 1.º de Setembro de 1929 até 1.º de Abril de 1966. A segunda categoria, relativa a estipulações especiaes, abrange o periodo de 1966 a 1988. Essas annuidades serão incondicionaes, isto é, pagaveis em moedas estrangeiras por meio de depositos mensaes iguaes, sem que assista á Allemanha qualquer direito de suspensão.

e) Para que o "Plano Young" se execute integralmente em relação a todas as suas partes componentes, o Reich se compromette a manter o *reichsmark*, de accordo com o art. 31 da lei que regulamentou o Banco da Allemanha. Para taes fins, o *reichsmark* terá e conservará uma paridade monetaria de 1/2,790 ki-

logrammo de ouro, segundo a lei allemã de 1924 sobre a cunhagem de moeda.

As annuidades da primeira categoria, isto é, as que vão de 1.º de Setembro ultimo a 1.º de Abril de 1965, são progressivamente crescentes, começando em 742,8 milhões de *reichsmarks* até 2.428,8 milhões. As de segunda categoria, que vão de 1966 a 1988, são variaveis.

No que se refere ás conclusões, os peritos opinam que o plano está contido na capacidade de pagamento da Allemanha e estabeleceram constituir elle um todo indivisivel, não sendo possivel o seu exito sem essa condição, que torna impossivel a sua applicação parcial. O "Plano Young" foi assignado pelos seguintes peritos: Hjarmer Schacht (Allemanha); Kastl (Allemanha); E. Francqui (Belgica); Gutt (Belgica); Owen Dane Young (EE. Unidos); J. P. Morgan (EE. Unidos); Thomas N. Perkins (EE. Unidos); T. W. Lamont (EE. Unidos); E. Moreau (França); J. Parmentier (França); J. C. Stamp (Inglaterra); C. Addis (Inglaterra); A. Pirelli (Italia); Suvich (Yugoslavia); Kengo Mori (Japão); Takashi Aoki (Japão). A Conferencia da Haya, de Agosto findo, ratificou o "Plano Young", tornado assim o quadro geral das liquidações da guerra.

BANCO DE PAGAMENTOS INTERNACIONAES

Considerando que o plano completo e definitivo do problema de reparações é, antes de tudo, um plano financeiro, implicando certas operações bancarias, que medeiam entre o pagamento inicial das annuidades e a partilha final dos fundos, cogitou-se de um instituto bancario cujo fim fosse prover essas necessidades e exercer, de modo geral, as funções dos organismos politicos, realizando todo trabalho de administração externa, tal como receber e repartir os pagamentos, assim como commercializar partes de annuidades, susceptiveis de tal. As operações desse instituto serão assimiladas ás operações commerciaes e fi-

nanceiras ordinarias e a sua organização escaparã ás influencias politicas.

A comissão de peritos, que elaborou o "Plano Young", conforme expuzemos na noticia acima, organizou um projecto do banco nas bases seguintes: 1) o capital na constituição será autorizado em 100 milhões de dollares, sendo chamados apenas 25 %, até que o conselho de administração resolva fazer nova chamada. As acções serão vendidas em determinados paizes e emittidas pelo Banco central ou outro intermediario contra o qual o Banco central não tenha objecções a fazer. 2) A administração caberã a um conselho de administração, cujos membros não poderão exercer cargos politicos nos seus paizes. Os directores dos bancos centraes dos sete paizes presentes á conferencia (Belgica, França, Inglaterra, Japão, Italia, Allemanha e Estados-Unidos) serão qualificados para serem administradores do banco. Cada um desses directores poderá nomear um administrador da sua nacionalidade e os directores do Banco de França e do Reichsbank poderão ainda, se quizerem, nomear mais um director suplementar, representando a industria ou o commercio, durante o periodo de pagamento das annuidades allemães. Assim, o conselho de administração terá 14 ou 16 directores. 3) Os lucros serão partilhados da fórmula seguinte: 5 % para fundo de reserva, até que esse fundo atinja 10 % do capital effectivo, pois, uma vez attingido esse limite, os lucros liquidados permittirão um dividendo de 6 % sobre o capital-acções realizado, 20 % serão pagos aos accionistas até um dividendo maximo de 12 %. Quanto á divisão de outros lucros, será feita aos governos e constituirã uma reserva de auxilio á Allemanha para pagar as ultimas 22 annuidades, desde que esse paiz faça um deposito a longo prazo no banco susceptivel sómente de ser retirado em condições especiaes e atinja um minimo de 400 milhões de reichsmarks.

Estã concebido o banco, como diz o Relatório dos Peritos, "de fórmula a não ter ingerencia nas operações feitas pelos estabelecimentos existentes, mas deve criar funcções supplementares num dominio especial que lhe pertence particularmente. Para isso todas as disposições devem ser cuidadosamente tomadas em materia de organização e administração do instituto." E conclue dizendo que, no correr do tempo, "o banco pôde se tornar, não só um órgão para facilitar o problema das reparações, mas fornecerã tambem ao commercio mundial e ás finanças internacionaes importantes facilidades que não existem hoje". De-

O OUTRO "SALÃO"

Não valia a pena fazer o "Salão dos Artistas Brasileiros", tão lastimavel é elle e tão pouco expressivo. Começou mal. Deveria ser uma reacção contra o "salão" official e se fez, quasi todo, de sobras delle, foi inaugurado pelo director da Escola de Bellas-Artes e apresenta varios nomes de expositores do outro. Tudo isso, porém, teria pouca importancia, se a mostra de quadros, desenhos e esculturas fosse uma expressão de arte. Infelizmente, salvo uma ou outra rarissima excepção (nunca este logar commum teve melhor applicação), nada vale. São trabalhos horrorosos, mal feitos, passadistas, sem technica e sem sensibilidade, pinturas insignificantes, ridiculas, deploraveis, em geral peiores do que as do "Salão". Uma tristeza em summa.

vemos esperar por igual, pensam ainda os Peritos, que "esse banco se tornará um traço de união sempre estreito e precioso na collaboração entre os bancos centraes, indispensavel á manutenção da estabilidade da estrutura mundial de credito".

A DIVIDA FRANCESA PARA COM OS ESTADOS UNIDOS

Foi finalmente ratificado pela Camara Francesa o pacto concernente ás dividas da França para com os Estados Unidos e que tanta celeuma causou na imprensa francesa, não poupando aos americanos as mais fortes injurias acerca de sua attitude reputada egoistica e de usura para com os seus devedores. Os debates na Camara e na imprensa levaram ao espirito publico a convicção de que effectivamente o procedimento estadunidense fosse de molde a não ter em consideração os sacrificios immensos da França na defesa da civilização occidental em luta contra o imperialismo germanico.

O combate feito ao accordo concluido pelos srs. Mellon e Berenger e a irritação causada pela recusa dos Estados

Unidos em acceitar a clausula de dependencia do pagamento das annuidades ao pagamento das prestações allemães mais exacerbou a opinião publica francesa, fazendo acreditar na cupidez dos credores em cobrar a divida. O espirito ardiloso de Briand conseguiu, por pequena maioria, a ratificação do pacto, pondo termo a tão debatida questão.

As obrigações da França para com os Estados Unidos se decompõem da fórmula seguinte:

a) divida contrahida antes da entrada na guerra dos Estados Unidos: 611 milhões de dollares. Esta divida para com os bancos americanos tem character puramente commercial. Desta somma, 389 milhões foram reembolsados por meio de credits obtidos durante a guerra no Thesouro americano, o que equivale dizer que os bancos americanos foram pagos pelo Thesouro americano;

b) divida contrahida durante a guerra para com o Thesouro americano: 1.970 milhões. É a chamada divida politica.

c) divida contrahida no Thesouro americano, depois do armistício: 1.027 milhões.

d) divida contrahida para compra dos "stocks" americanos, cujo vencimento se deu em 1 de Agosto ultimo: 407 milhões.

e) juros vencidos: 684 milhões.

Ha, portanto, um total de 4.310 milhões, dos quaes 2.608 milhões constituem a chamada divida politica, cuja annullação podia-se considerar a França como merecedora desta exigencia, e que representa pouco menos da metade da divida total.

Pelo accordo estabelecido, segundo calculo feito pelo Thesouro americano, houve uma annullação global de 2.630 milhões, o que significa mais que a divida politica de guerra e era mais de 60 % da somma total.

O RECONHECIMENTO DO GOVERNO DOS SOVIETS.

Até o presente reconheceram o governo dos Soviets, 22 paizes, incluindo a Inglaterra, que o fez a 1 de Fevereiro de 1924, no primeiro gabinete Mac Donald, e depois, no gabinete Baldwin, rompeu novamente relações com Moscou. Já foram, ha mezes, iniciadas pelo governo trabalhista as negociações para serem reatadas aquellas relações, o que se dará em breve. Das grandes potencias, apenas os Estados Unidos não reconheceram os Soviets, nem se mostram inclinados a isso. Os ex-secretarios de Estado, Colby e Hughes, aquelle do

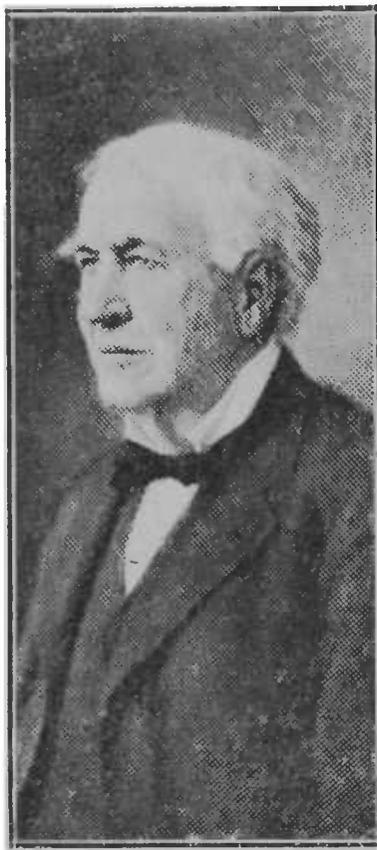
presidente Wilson e este do presidente Coolidge, bem como este proprio presidente, em notas e na mensagem de 6 de Dezembro de 1923, estabeleceram o ponto de vista americano em torno do assumpto. Podemos resumil-o em tres itens: disposição de cumprir as obrigações internacionaes; pagamento das dividas contraidas com os Estados Unidos pelos governos anteriores e indemnisação das propriedades americanas confiscadas; cessação de qualquer actividade bolchevista nos Estados Unidos. Embora o governo de Moscou tenha reconhecido, na sua nota de 16 de Dezembro de 1927, endereçada ao presidente Coolidge, o principio da mutua não-intervenção nos negocios internos, posteriormente o Departamento de Estado publicou instruções de Zinoviev, chefe da 3.ª Internacional, fomentando a revolução na America do Norte. O governo de Moscou replicou dizendo que a 3.ª Internacional é livre e independente do governo. Na realidade, objectam os americanos, o governo, na Russia, é uma expressão do partido e as relações entre elle e a 3.ª Internacional, como reconheceu a *Izvestia* (7-11-1922), são organicas e espirituaes e não podem ser postas em duvida. Por isso, a 7 de janeiro de 1924, o senador Lodge, presidente da Comissão de Negocios Estrangeiros, declarou ao Senado americano que, sendo o governo do Soviet e a 3.ª Internacional, agentes do partido comunista, que deseja a revolução mundial, os Estados Unidos recusavam reconhecer o regimen em vigor na Russia.

Da America, apenas o Uruguay e o Mexico reconheceram o Soviet, e os demais paizes do mundo que o fizeram foram os seguintes, nas datas abaixo-indicadas: Esthonia, Fev. 2, 1920; Letonia, Agosto 11, 1920; Finlândia, Out. 1920; Persia, Fev. 26, 1921; Afghanistan, Fev. 28, 1921; Turquia, Mar., 16, 1921; Polonia, Mar. 18, 1921; Mongolia, Nov. 15, 1921; Allemanha, Abr. 16, 1922; Gran-Bretanha, Fev. 1, 1924; Italia, Fev. 7, 1924; Noruega, Fev. 13, 1924; Austria, Fev. 20, 1924; Grecia, Mar. 8, 1924; Suecia, Mar. 15, 1924; China, Maio 31, 1924; Dinamarca, Jun. 18, 1924; Mexico, Agos. 4, 1924; França, Out. 28, 1924; Japão, Jan. 22, 1925; Lithuania, Jul. 22, 1925; Uruguay, Agosto 24, 1926.

REORGANIZAÇÃO DA COOPERAÇÃO INTELLECTUAL.

A comissão de Cooperação Intellectual convidou o seu presidente para, de accordo com o Secretario da Liga das

O JUBILEU DA LAMPADA INCANDESCENTE



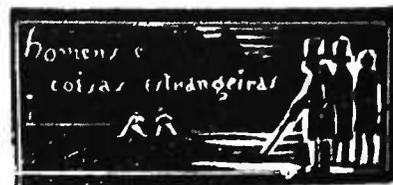
O grande Edison que, no dia 28 do corrente, commemorando o jubileu da lampada incandescente, que inventou em 1879, apagará, por um minuto, toda a iluminação publica nos Estados Unidos. Depois a luz voltará progressivamente, de sorte a mostrar ao homem tudo o que a luz electrica lhe trouxe de conforto e utilidade em cincoenta annos.

Nações e o presidente do Conselho de administração do Instituto, nomear um comité composto, no maximo, de 5 membros da Comissão Internacional, para estudar o programma, a obra e a organização da Cooperação Intellectual e das comissões dependentes e suggerir os melhoramentos e reformas por que deva passar, afim de alargar os resultados positivos das suas actividades.

Como se sabe, a Comissão foi convocada, ha sete annos, em 1.º de Agosto de 1922, para dar parecer sobre tres questões: desenvolvimento das relações entre as universidades; estabelecimento das relações internacionaes no dominio da sciencia; estabelecer num plano inter-

nacional os methodos de bibliographia scientifica. A comissão não era, então, mais do que um órgão temporaria e provisório, mas, em 1923, compreendeu que, nesse character, não lhe seria possível alcançar os resultados almejados, tendo, em 1924, o governo francez se offerecido para fundar o Instituto Internacional de Cooperação Intellectual, que começou a funcionar em 1.º de Janeiro de 1926. Reconheceu-se, logo, a utilidade do Instituto. É preciso não confundir o Instituto que, como vimos, foi fundado pelo governo francez, com a comissão de Cooperação, que é constituída por delegados de varios estados e funciona como dependencia da Liga das Nações. O delegado do Brasil junto ao Instituto é o sr. E. Montarroyos, nosso representante em Paris, e o delegado junto á comissão é o professor Aloysio de Castro. Na reunião deste anno, não podendo este comparecer, indicou para substituil-o o professor Afranio Peixoto, que já se desobrigou dessa missão.

O director do Instituto, nomeado pelo governo francez, é o sr. Julien Luchaire. Está claro que os dois organismos se completam, em vida conjunta, podendo-se dizer que o Instituto é o órgão permanente da Comissão.



ASSIM FALARAM MAC DONALD, BRIAND E STRESEMANN.

Recebendo os jornalistas que trabalham junto á Liga das Nações, o primeiro inglez, sr. Mac Donald, assim lhes falou sobre os seus propósitos de paz: "Estou perfeitamente convencido de que a opinião publica do mundo apoia o presidente Hoover e a mim, no nosso empenho para impedir que antiquados preconceitos difficultem o exito dos fins que pretendemos. Temos que resolver assumptos muito complicados, mas o desejo dos povos é supremo e terá a ultima palavra quando se decidirem as graves questões de paz, em que a vontade dos mesmos será assenhoreiada por uma administração e uma politica sincera. Não existe a menor duvida de que 95 % dos povos desejam a paz e esperam do sr. Hoover a solução do problema. Não permittiremos que nenhuma idéa retrograda

nos domine e faça fracassar os nossos esforços."

Depois Briand falou: "A Liga das Nações, impellida pela sua constituição, deve cuidar sempre de novas idéas, para estabelecer a paz permanente. Um dia tive a idéa dos Estados Unidos Economicos da Europa. A idéa se aperfeiçoou e me vi obrigado a expol-a perante a Liga, mais depressa do que desejava. Espero que na proxima assembléa poderemos levantar as nossas taças em prol da prosperidade dessa nova federação economica."

Por fim, Stresemann disse: "É mistér acreditar nos idéas antes de realizal-os. O problema da conciliação européa progrediu mais do que retrocedeu e devemos crer que nossa politica representa um progresso. Como consequencia da conferencia da Haya, a Liga tem actualmente o caminho aberto para iniciar a sua tarefa constructora."

O MUSEU GOETHE EM FRANCFORT

Preparando as commemorações do centenario da morte de Goethe, que transcorre em 1932, está sendo reorganizado e ampliado o Museu Goethe, estabelecido em sua casa natal, em Francfort s/M. Para esse fim, foram adquiridas duas casas visinhas. O credito votado foi de 100 mil marcos. Os archivos, manuscritos e desenhos serão conservados no andar terreo, que compreenderá uma grande sala de conferencias e reuniões. Todos os documentos relativos aos ascendentes de Goethe, sua infancia, mocidade, vida de estudante, estatua em Weimar, viagem á Italia, etc., serão reunidos, no primeiro andar, em ordem chronologica. Uma sala especial conterá tudo que se refere á velhice gloriosa de Goethe. As recordações dos amigos serão colleccionadas á parte.

OS ERROS DE PREVISÃO DO CONDE DE GOBINEAU

A *Revista da Allemanha* publica algumas paginas ineditas do conde de Gobineau, contendo considerações sobre a Allemanha do Norte, escriptas provavelmente em 1851, quando o grande escriptor era encarregado de negocios do Hanovre. Pelas cartas publicadas, vê-se bem que mais uma vez a perspicacia do famoso theorico das raças falhou nas suas previsões. Pelo estudo da evolução dos Estados Allemães, percebe-se facilmente que os acontecimentos se desenvolveram precisamente ao inverso do que

havia previsto o notavel Gobineau, felizmente para nós, a respeito de cujo futuro foi tão pessimista e de antevisões tão desillusorias.

A respeito dos Estados Allemães, Gobineau havia previsto o enfraquecimento da Prussia e o renascimento da Austria, que retomaria uma solidez e uma força que não possuia ao tempo de José II, e annunciava sua futura predominancia, ao mesmo tempo que traçava a mais sombria perspectiva para a Prussia.

O NOVO MAUSOLEO DE LENINE

Ha nos dominios do Soviet verdadeira celeuma a proposito do projecto do novo mausoleo de Lenine. A mocidade comunista protesta contra esse projecto, accusando o architecto Stchouseff de ter copiado o tumulo de Cyrus, rei dos Persas, construido quatro seculos antes de Christo, e que se acha nas proximidades da cidade de Mourgave. Stchouseff affirma que o modelo por elle feito dá, por sua fórma, a idéia da eternidade. Seus adversarios acham, porém, que o monumento erigido ao creador do communismo, deve ser voltado para o futuro, devendo ser, em consequencia, de concepção extremamente moderna.

Os chefes da mocidade comunista exigem, comtudo, que a opinião publica sovietica seja chamada a julgar "o impertinente" projecto de Stchousseff, originando-se desse facto viva e apaixonada polemica na imprensa russa.

O mausoléo terá uma superficie de cem metros quadrados e será construido em granito e em porphyro. Ao centro, será collocado o sarcophago, pesando 180 toneladas. As côres dominante do mausoléo serão o vermelho e o negro.

A MARINHA MERCANTE MUNDIAL E SUAS TENDENCIAS

O Lloyd Register acaba de publicar suas estatisticas concernentes á navegação mundial. O que mais nos surprehende é sobretudo o crescimento consideravel da tonelagem mundial em relação ao anno de 1914. Era, então, de 45 milhões de toneladas e hoje é de 66 milhões, e não parece que a construcção tenda a diminuir. O augmento foi geral em todas as marinhas do mundo, salvo na Allemanha que, de 5 milhões em 1914 não possui mais de 4 milhões actualmente. É preciso notar porém que, se o augmento não foi maior se deve ás restricções do tratado de Versalhes, que reduziu a marinha daquelle paiz a 600

mil toneladas, o que bem demonstra o esforço tenaz e crescente da Allemanha em readquirir o seu antigo prestigio marítimo. Os inglezes e noruegueses, que eram os pioneiros do commercio marítimo, augmentaram sua marinha em fracas proporções, enquanto que outros quasi quintuplicaram, como succedeu aos Estados Unidos que, de 2 milhões de toneladas em 1914, passaram a ter 11 milhões, ou um accrescimento de 9 milhões. Igualmente o Japão, que passou de 1,7 milhões a 4,1 milhões, e a Italia de 1,430 a 3.215. Esta ultima potencia se assenhoreou de toda frota e todo trafico de Trieste.

Entre as nações que augmentaram seu trafego de 100 %, pôde-se citar a Hollanda. A França, que possuia antes da guerra 1.922.000 toneladas, tem neste anno 3.303.000. Nota-se tambem uma diminuição muito accentuada na navegação a vela, cuja tendencia é para desaparecer. A sua tonelagem, que era de 2.310.000 antes da guerra, baixou a 1.660.000 toneladas em 1929, equivalente a 2,45 % sobre a tonelagem total quando anteriormente era de 8,06 % em 1914.

Uma outra conclusão a ser tirada das estatisticas do Lloyd Register é a tendencia para construcção de barcos motores de combustivel liquido, a oleo, o que preocupa sobretudo a Inglaterra.

A percentagem destes, que era de 2,65 % subio a 28,53 %, enquanto os que usam carvão descenderam de 88,84 % a 59,29 %. A continuacão dessa preferencia virá certamente determinar um grande prejuizo para a marinha ingleza. A preferencia para os barcos de maior tonelagem, isto é, acima de 4 mil toneladas, é outro facto que se verifica da estatistica, como tambem o augmento dos barcos motores que se contam actualmente por 744 de mais de 4 mil toneladas, dos quaes 111 entre 8 mil e 10 mil, e 6 de mais de 10 mil, com o consideravel total de 4.652.000 toneladas. No computo da tonelagem total se contam em ordem de collocação, por milhões de toneladas: Inglaterra com 20; Estados Unidos, 13,5; Allemanha, 4; Japão, 4,1; França, 3,3; Italia, 3,2; Noruega, 3,2; Hollanda, 2,9.

A tonelagem do Brasil pôde ser calculada em 570 mil toneladas.

O RADIUM NA SUECIA

Por occasião do 70.º anniversario do rei da Suecia, abriu-se uma grande subscrição publica para se offerecer um presente memoravel ao rei Gustavo V, subscrição que attingiu a elevada som-

ma de dois mil trezentos e vinte contos. Esta somma foi destinada á compra de radium, cuja primeira remessa de seis grammas, acaba de chegar a Stockholmo e custou cerca de 450 contos. Estas seis grammas estão contidas em nove grammas de sulfato de radium, repartidas em um grande numero de tubos de vidro contendo cada um cincoenta milligrammas da preciosa substancia.

Os tubos estavam encerrados em pesados envelopes de chumbo de fórma que collis postal pesava, apenas, uma tonelada!

ARVORE GENEALOGICA

Publicou *La Presse Médicale* os calculos feitos pelo mathematico francez, sr. Eugène Mouton, para estabelecer o numero possivel de parentes ascendentes de cada homem, scgundo os quaes chegou á conclusão de que cada um de nós possui 4.398.038.122.500, até á 21.^a geração. Isso mostra desde logo a impossibilidade material de estabelecer com precisão as arvores de familia, além de 5 a 6 gerações (o que já é muito difficil), e, por outro lado, as forças imponderaveis da hereditariedade. Em geral, quando pensamos nella não ultrapassamos a casa dos avós e bisavós e, se vamos mais longe, é quando temos um avoengo illustre, para lhe reclamar uma parcella do valor. O mais se perde, volatiliza-se no tempo. É a massa desconcertante e anonyma da humanidade que tudo absorve e consome. No entretanto, ha pessoas afirmando que sabem donde vieram... Perguntem-lhe os 4 trilhões de avoengos...



O MOVIMENTO MODERNISTA NA ARGENTINA — ENTREVISTA COM O SR. BERNARDO GRAIVER.

Estando no Rio, onde veio fazer uma larga reportagem sobre o nosso movimento intellectual, o sr. Bernardo Graiver, escriptor e jornalista argentino, procuramos ouvil-o sobre o modernismo argentino. Disse-lhe elle, respondendo á nossa primeira pergunta:

— O movimento de vanguarda trouxe um bem immenso ao meu paiz. De um

lado, introduziu um colorido novo e uma nova tonalidade nas criações artisticas, removendo e renovando as suas forças, para identificar-se á época. De outro, abriu aos artistas jovens o panorama de um paiz novo, com possibilidades innumeras e distinctas, horizontes variados, enriquecendo assim os valores intrinsecos da literatura argentina, mediante o apparecimento de outros novos.

— Mas, não houve forte reacção contra o movimento?

— Logicamente, num paiz de certa tradição literaria, e por isso de canones firmados e aceitos, taes innovações foram, de começo, violentamente atacadas com os epithetos mais severos, ou feridas com satiras mordazes. Isso não desanimou os moços. Seu destino estava forjado e o triunfo definitivamente marcado. E, passo a passo, disputando seus lugares, ia ganhando terreno com segurança. Os loucos de ante-hontem, converteram-se em supportaveis hontem e serão geniaes depois. Essa mesma juventude, negada quando não blasphemada, foi convidada a incorporar-se ás fileiras gloriosas das letras argentinas. E alguns depois foram premiados. Para isso era necessario toda a tenacidade forte e juvenil, de talentos dispostos a arrancar á força o que por direito se lhes negava, e entrar no consorcio das artes argentinas, onde já se distinguiam com caracteres proprios, firmes e que não podiam satisfazer a supina ignorancia de certos criticos malevolos.

— E o vanguardismo triumphou?

— Sim, e ainda mais, começou, á altura desse triumpho, a introduzir-se no campo dos seus irreductiveis adversarios e estes, sem saber como, ficaram contagiados pelo espirito do seculo, deixaram escapar das suas penas alguma expressão modernista, característica da victoria da metamorphose. Actualmente, ha poetas argentinos de vanguarda considerados definitivamente como classicos. E o modernismo triumphou; só é preciso purificar-o, aperfeiçoal-o.

O POEMA PARA A COROAÇÃO DO IMPERADOR DO JAPÃO

O nosso collaborador, Luis da Camara Cascudo, especialmente para MOVIMENTO BRASILEIRO, traduziu, da versão ingleza, o poema premiado nas festas da coroação do Imperador Hirohito, do Japão (10-11-28). O thema foi dado pelo *Imperial Bureau of Poetry*, como de uso. Encontra-se no album que a embaixada do Japão está distribuindo, intitulado: *Enthronement of the one*

hundred twenty-fourth Emperor of Japan, editado pelo jornal *The Japan Advertiser*. É assim um thema imperialmente aceito, um puro "subject officially".

CHRYSANTHEMOS EM FLOR

Oh Senhor!

*a ti mil gerações e infinitos botões
de chysantemos a desabrochar,
sob o ardente e perenne sol,
incontaveis como as relvas
dentro do perfumado jardim do meu Sen-
hor.*

O CENTENARIO DE PONSON DU TERRAIL.

Ha um seculo nasceu na pequena aldeia de Montmaur, perto de Grenoble, Pedro-Alexis de Ponson, sobrinho do general toscano du Terrail, descendente de Bayard, senhor do Terrail. Após estudos feitos na marinha, du Terrail pôz-se a escrever romances-folhetins duma fecunda imaginação, engenhosidade e verve.

Quem não se lembra das aventuras dos seus personagens, o conde de Bergar que não era mais que falso Rocambole, que revivia sob varios nomes nos diversos capitulos do enorme folhetim publicado no roda-pé do "Jornal do Brasil" e em edições baratas dos engraxates?

Ha tempos lembrou um matutino parisiense a idéa de se levantar um monumento ao romancista popular. A opposição foi geral. Si Ponson du Terrail tinha imaginação e seus romances tiveram tanta popularidade, em contraposição não constituíam absolutamente obra de valor literario. Eram escriptos "à la diable" e não raro appareciam cousas como esta: — "E o conde agitado, de mãos nas costas, andava de um lado para outro, lendo o jornal". "Elle tocou sua mão. Horrivel, esta mão estava visgosa e gelada como a de uma serpente" — "Ah! ah! disse elle em portuguez" — Por essas e outras, o popularrissimo autor de Rocambole não terá tambem seu monumento em Paris. A fórma por que elle fazia seus folhetins era interessante. Ponson dispunha, sobre sua mesa, todas as figuras de seus personagens. Se um delles era ferido, punha o braço numa echarpe. Aquelles que morriam eram retirados da mesa, de fórma que se succedia esquecer de retirar a figura heroe morto num folhetim era uma segunda vez morto no folhetim do dia seguinte do "Moniteur du Soir".

DIVERSAS

— O Sr. Mario Guedes publicou um ensaio de philosophia, intitulado *Super-Intelligencia*.

— Pierre d'Exideuil nos dá, em "Les cahiers du Sud", um paralelo entre Marcel Proust e Meredith, a exemplo do que fizera Raphael Cos com o paralelo entre Proust e Dickens. No paralelo traçado, d'Exideuil mostra as tendencias de ambos para accentuar que "Meredith pensa por tendencias progressivas, enquanto Proust por reconstrução de experiencias esquecidas. Meredith, accrescenta, conhece admiravelmente os personagens que creou e que sahiram vivos de seu cerebro. Proust esbarra a cada momento com suas proprias barreiras; elle sabe que nossa personalidade social é "uma criação do pensamento alheio" e que "a personalidade alheia é uma sombra onde nunca podemos penetrar, pela qual não existe conhecimento". Elle se exaspera diante deste desconhecido. Meredith livra-se pelos seus personagens, Proust é reduzido a uma abundante monographia de suas sensações e de suas relações com seres que elle não approxima, senão pela via indirecta da recordação e da recreação.

— Falleceu em Vienna o grande escriptor austriaco Hugo von Hofmannsthal, o mais eminente dos representantes do symbolismo allemão, deixando um grande numero de obras, poemas lyricos e dramaticos. Era o autor dos libretos sobre os quaes Ricardo Strauss compoz suas operetas: "Electra", "Cavalheiro da Rosa", "Ariadne", "Salomé". Muito inclinado ás letras francezes, era por certa forma discipulo de Claudel, esforçando-se contudo para integrar suas obras num largo e classico humanismo.

— A sub-commissão das letras e artes da commissão internacional de cooperação intellectual, reunida em Genebra, decidiu, entre outros assumptos, promover a publicação duma collecção de obras de escriptores ibero-americanos.

— O Sr. Gildo Brasil publicou um livro de versos: *Os trinta e quatro cantos do meu espirito*.

— Sergio Persky publica um curioso estudo sobre as tres esposas de tres gloriosos escriptores russos: Pouchkine, que teve a infelicidade de casar com uma mulher extraordinariamente bella, mas frivola e que foi causa do duello em que foi ferido mortalmente; Dostoiwsky não foi mais feliz, um pouco por sua causa, e finalmente Tolstoi, cuja esposa foi tudo para o seu lar. Contudo, ella se revoltou quando Tolstoi passou a ter pre-

occupações outras que ultrapassavam singularmente o ambiente em que havia vivido. O estudo é interessante, vivo e particularmente documentado.

— Realizou-se o mez passado o centenário de Frederico Mistral, o grande poeta provençal. Em commemoração á data creou-se o premio "Mistral" para o melhor romance em lingua d'oc e organizou-se uma commissão especial para estudo das manifestações do costume das provincias meridionaes.

— *Concreciones* é o titulo do livro de ensaios de philosophia e arte que publicou o escritor uruguayo Carlos Benevenuto, edição de *La Cruz del Sur*.



SCIENCIA E RELIGIAO

No nosso ultimo numero, demos algumas respostas ao inquerito feito pela *Comædia*, de Paris, sobre a religião diante da sciencia, para saber se entre ambas é possivel estabelecer uma boa intelligencia. Publicaremos, a seguir, em resumo, duas opiniões da mais alta significação e inteiramente diversas: uma do padre Th. Moreux, director do Observatorio de Bourges, e cujos trabalhos, particularmente sobre astronomia, são conhecidos e acatados em todo o mundo scientifico, outra, do sr. Marcel Boll, da Universidade de Paris, e nome de grande relevo no pensamento moderno.

O padre Moreux começou por variar os termos da pergunta, dizendo: "a possibilidade de uma desintelligencia entre a sciencia e a Igreja só poderia provir de um desaccordo entre as conclusões da sciencia humana e os dogmas da fé catholica. Mostra que os pontos em que essa desintelligencia se poderia manifestar são extremamente restrictos. Desde logo, porque muitos sabios e o publico em geral tomam por dogmas simples proposições da Igreja que não são impostas á fé. Um exemplo tipico é o caso das doutrinas evolucionistas, quando nada impede aos catholicos de acreditarem na evolução das especies, pois não ha dogma sobre a origem da vida, nem sobre o modo por que pôde evoluir. Desde que se aceite a criação da alma humana por Deus, somos livres inteiramente de discutir sobre a origem do corpo, a cujo proposito a Igreja nada ensina. Tambem sobre o livre arbitrio, não vê porque não

conciliar-o com qualquer lei de energia, uma vez que seja constante. Quanto ao dogma da criação do mundo, declara que nenhuma lei scientifica, mecanica ou physica, poderá jamais attingil-o. E ajunta: "Quaesquer que sejam nossas hypotheses sobre a formação da materia e do mundo povoando o espaço, nada porá em cheque a grande lei da causalidade interpretada de modo são e que constitue o principio de toda sciencia como de toda evolução." Refere-se depois a Galileu, que não foi condemnado como heretico, mas suspeito de heresia, por um tribunal ecclesiastico e porque sustinha a sua these com argumentos tirados da Escripura. Sem duvida, isso foi lastimavel (porque não confessal-o?) mas não envolve em nada a responsabilidade da Igreja Catholica. A questão da rotação da terra nunca foi nem será jamais questão de dogma.

Como se vê, os confins da religião e da fé são muito restrictos e as objecções que podem formular os sabios não passarão de quadro mui restricto. E conclue: "Os unicos dogmas tendo algumas relações longinquas com a sciencia estão fóra do campo das suas conclusões."

Muito ao contrario disso, pensa o sr. Marcel Boll. Começa por achar sciencia e religião duas "irmãs inimigas", e depois appella para dois professores estrangeiros, em cujas doutrinas vae assentar as suas opiniões: Paul Oltramare, professor em Genebra, e James Leuba, professor na Pensylvania, através dos seus livros, recentemente publicados por Alcan: *A religião e a vida do espirito* e *Psychologia do mysticismo religioso*. A religião se encontra com a sciencia em dois pontos essenciaes: em physica e em psychologia. Naquelle, a sciencia eliminou a noção de causa, extranha ás suas conclusões e recusa-se a investigar o que o homem não pôde conhecer experimentalmente, ao passo que "a fé consiste em: crer o que se sabe não ser verdadeiro (Ostramare)"; no dominio da psychologia, a sciencia acaba de aprofundar os estados affectivos quasi-physiologicos que estão na base do sentimento religioso, explicando o mysticismo como alternativas de extase e secura. Assim são mysticos os dotados de certa *constituição cyclothymica*, tão bem descripta por Kraepelin. Assim, segundo Leuba, "o mysticismo é uma revelação, não de Deus, mas do homem." E termina, dizendo que, no assumpto, o philosopho imparcial verifica: "a physica rejeita, como inoperante, toda explicação sobrenatural; a psychologia precisa a genese da fé, que não apparece nunca sem certas particularidades affectivas, sem du-

vida ligadas ao *systema vagosympathico*." Um inquerito escrupulosamente feito por Leuba nos Estados Unidos, estabeleceu que, sobre cem psychologos de primeiro plano, havia 13 que criam em Deus e nove que subscreviam a immortalidade da alma. Assim pois, *mesmo na America*, para uma grande maioria de sabios, Deus é uma ficção inverificavel e a immortalidade da alma uma supposição inverificada."

AS SETE MARAVILHAS DE NOVA YORK.

A Associação de Comerciantes da cidade de Nova York decidiu abrir um concurso para vêr o que consideravam como as sete maravilhas de Nova York, e o resultado desse concurso classificou como maravilhas: as canalisações hydraulicas, o Woolworth building, o metropolitano, a ponte de Brooklin, a nova ponte sobre o Hudson, em construcção, a paisagem de Nova York, e a central telephonica.

Si fizéssemos o mesmo concurso sobre as maravilhas do Rio que responderiam os nossos leitores?

Haverá mesmo no Rio, sete cousas que possam ser consideradas maravilhosas, além da sua bahia e da illumination? Em breve, teremos tambem o Christo Redemptor, no Corcovado, que será a maior estatua do mundo.



OS CHROMOSOMOS — ARTISTAS DA HEREDITARIEDADE E DO SEXO

Sob esse titulo, o sr. Jean Rostand, filho de Edmond Rostand, e que, ao contrario dos da sua familia, perferiu a sciencia á poesia facil, publicou um livro interessante, para divulgar os estudos sobre os chromosomos, cujos conhecimentos formam um dominio "que será amanhã de todo o mundo, e que, enquanto o espera, abre perspectivas as mais novas á biologia geral e, por consequencia, á philosophia."

Que são os chromosomos? Como se sabe, o organismo provem do desenvolvimento de uma unica cellula, o ovo, formada pela fusão de duas cellulas reproductoras: uma, masculina, microscopica e muito movel; outra feminina, immovel

e muito mais volumosa, vinda da mulher. O ovo assim formado se divide em dois, e cada uma dessas duas cellulas-filhas se sub-divide em duas e assim por diante, necessitando-se de um numero incalculavel de divisões cellulares para a edificacão do organismo, onde ellas continuarão sem cessar o seu trabalho. No curso dessa divisão é que apparecem os orgãos essenciaes ás cellulas. Os grãos de chromatina que, no nucleo em repouso, se espargem sobre a rêde nuclear, reúnem-se e organizam-se num filamento enrolado sobre si mesmo. Esse filamento se secciona num certo numero de fragmentos de fórmas variaveis, que são os *chromosomos*.

Depois de assim explical-os, o sr. Jean Rostand estuda os seus principaes caracteristicos, para desenvolver a theoria chromosomica, que muitos scientistas recusam aceitar, considerando-os simples grumos sem importancia, coagulações banaes. Não acompanharemos a longa discussão em torno da these, limitando-nos a expôr as suas principaes consequencias. A primeira que sobreleva é a influencia decisiva do chromosomo na hereditariedade. Todas as cellulas se apresentam como de igual valor, seja germinal, ou do corpo. Os quartrilhões de cellulas que nos formam, nos contêm todas em potencial, provindas da unidade chromosomica, desde que estejam providas de nossos 48 chromosomos.

Explicando a hereditariedade, mostra o A. que as nossas cellulas reproductoras recebem uma mistura em proporções differentes de factores maternos e paternos, mas só recebem um factor de cada especie. Assim, por mixta que seja, no seu conjunto, a hereditariedade que transmittimos, não deixa de ser pura no seu detalhe. Se tal factor paterno luta com o homologo materno, a luta se extingue no germen. Os conflictos hereditarios são intransmissiveis. Eis porque os grandes homens têm, não raro, filhos mediocres. Attribuia-se á influencia materna e muito se responsabilizou Xantippa da vilania dos filhos de Socrates. Injustiça pura. É difficil que uma cellula reproductora de um grande homem receba a herança feliz e, recebendo-a, mais difficil é que seja ella, entre milhões de outras, que encontre a cellula feminina. Como esclarecimento, lembremos que cada emissão contem 200 a 500 milhões de germens masculinos, um dos quaes deve fecundar o ovulo.

E a questão do sexo, que entre milhares de hypotheses, a chromosomica pretende a solução almejada? Tudo está ou em ter a cellula reproductora masculina um chromosomo de menos (47 ao

invés de 48 ou um menor do que os 47 restantes). Tudo se passa na hora da fecundação, cabendo a responsabilidade no germen masculino. O ovulo só contem chromosomos do tipo X e os germens masculinos do tipo X e do tipo Y. Se a fecundação é feita por um contendo chromosomo X, juntando com o chromosomo X, feminino, o producto será desse genero, enquanto será masculino se o spermatozoide fecundante contiver chromosomo Y.

Depois de mostrar como o chromosomo é o artista da hereditariedade e do sexo, argumentando com varias experiencias, fixa o A. o problema da parthogenese, que consiste na procreação sem o concurso masculino, o que se dá em algumas especies de insectos e certos crustaceos (*Apus*). Nas abelhas a parthogenese é facultativa, gerando um macho. A femea vem do ovulo fecundado. Estuda, a seguir, a possibilidade de evitar que o ovulo feminino, condemnado a morrer por não ter sido fecundado, tenha supprida essa acção, por artificios experimentaes. Nesse sentido, cita os extraordinarios trabalhos de Bataillon, que conseguiu fecundar artificialmente, por varios processos, taes como elevação e abaixamento de temperatura, centrifugação, raios X, tratamentos chimicos: acidos e alcalinos, etheres e alcools, soluções salinas, etc., realizar a parthogenese artificial e numerosos animaes inferiores. A doutrina chromosomica conclue que os factos da parthogenese experimental demonstram abundantemente que uma cellula sexual unica, desde que traga um stock completo de chromosomos, contem o material necessario para fazer um sêr.

Foi Bataillon quem conseguiu produzir a parthogenese nos vertebrados, tidos, antes de sua experiencia, como impossiveis de realizal-a, pois se acreditava que sómente nas especies capazes da parthogenese natural, se provocaria a artificial. Conseguiu Bataillon, perfurando os ovulos de rãs, com um estilete de calibre entre 3 e 8 centimetros de millimetro, obter em varios delles resultados surpreendentes. Mas, notou que o phenomeno não se dava senão nos ovulos em que a picada se fizera com pequena introducção de sangue. Dahi concluiu, e a experiencia demonstrou, que a parthogenese traumatica é uma parthogenese sanguinea. Esse processo, porém, fahou nos peixes. Nos reptis, passaros e mamiferos, razões de ordem pratica impediram a experimentação.

Examinando os sêres parthogenicos e as suas possibilidades de vida, que se confirma nas especies inferiores, o A.

fixa a parthogenese do elemento masculino, o que afirma não apresentar também mais duvida, e termina o ensaio estudando os chromosomos e o transformismo. Á luz desta doutrina, aquella se colloca nas pontas do dilemma: a evolução das especies é, sem hereditariedade adquirida, muito difficilmente concebivel; e, quanto á hereditariedade adquirida, não só é difficil tambem de se conceber, como os factos lhe são francamente contrarios.



ALCANTARA MACHADO: "VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE".

O excellente ensaio que publicou o sr. Alcantara Machado, professor da Faculdade de Direito de São Paulo, sob o titulo supra, é um trabalho paciente de pesquisa, que representa valiosa contribuição para o estudo das figuras colonias. O A. serviu-se de copiosa documentação, tirada dos inventarios, que correram, de 1678 a 1700, no primeiro cartorio de Orphãos de S. Paulo e, como certo, não eram esses processos resumidos como hoje, mas nelles os testadores *descarregavam a consciencia*, lhe foi possível reconstruir o tempo e sua gente. Estuda elle, assim, todo o ambiente, não só nos seus aspectos social e economico, mas por igual, devoções, usos, costumes, vestimentas desses nossos antepassados. Escrito com elegancia e sem preocupação de provar, por isso mesmo nos favorece um quadro exacto e seguro, de flagrante realidade. Tomemos, por exemplo, um dos capitulos, já que não podemos acompanhar, nesta hora, todo o interessante desenvolvimento do livro, aquelle que se refere á familia. O A. nos dá todo o quadro da organização defensiva da familia, a autoridade incontestada e incontrastavel do seu chefe, a sujeição da mulher, escravizada á casa, a preocupação de casar as filhas, com quem o pae entende, a difficuldade de noivas, que levou Nobrega a escrever ao Padre Mestre Simão, insistindo na necessidade de S. A. mandar mulheres, *ainda que erradas*, "pois casarão todas muito bem...", os orgulhos de sangue dos aristocratas, a legião immensa dos bastardos crescendo ao lado e á sombra da familia legitima, em summa todos os elementos constitutivos da familia, a sua significação e actuação no organismo social incipiente. Servindo-se honestamente da documentação, com o texto curioso

sempre á mostra, este livro, como o proprio A. reconhece, é vasado em moldes, nos quaes "a historia perderá, talvez, um pouco do seu apparatus. Mas ganhará, de certo, em clareza e verdade". Resulta, por igual, um forte interesse no desenrolar do quadro, feito por mão segura e escrito com aquella salutar simplicidade, que faz resaltar os episodios pelo proprio valor suggestivo e não para sobrecarga de tintas em alguns delles que servem para provar theses. Por tudo isso, é uma alta contribuição ao estudo sincero e criterioso da nossa historia.



LE CORBUSIER.

Visitará, em breve, o Brasil, um dos grandes mestres modernos, o renovador da architectura, Le Corbusier. O seu nome corre hoje o mundo inteiro, as suas doutrinas, através de varios livros publicados, têm levantado debates e polemicas encarniçadas, os seus trabalhos architectonicos são por igual discutidos com enorme ardor. Partindo do principio de que a civilização contemporanea é uma civilização geometrica e determinada pela machina, Le Corbusier assentou a sua theoria no principio de que toda obra de arte, particularmente a architectura e as artes applicadas, deve attender ás contingencias desse espirito do seculo. Assim, a casa passa a ser a machina de morar, como uma cadeira é uma machina para sentar. E, dentro da doutrina, construiu a sua obra de architecto, dentre a qual avultam um projecto para o edificio da Liga das Nações, em Genebra, e um monumental palacio de abastecimento, que o Soviet vae construir em Moscou. Chefiando hoje uma verdadeira escola e orientando toda a architectura modernista, Le Corbusier é uma figura admiravel de renovador, ao mesmo tempo que é um escriptor vigoroso e synthetico, um excellento critico de arte.

Em Buenos Aires, onde vae a convite de *Amigos del Arte*, Le Corbusier fará dez conferencias, sob os titulos seguintes:

- 1) Se delivrer de tout esprit academique;
- 2) Les techniques sont l'assiette même du lyrisme — Elles ouvrent le cycle de l'architecture moderne;
- 3) Urbanisme en tout, architecture en tout;

- 4) Une cellule à l'échelle humaine;
- 5) Un homme = une cellule. Des cellules = la ville;
- 6) Le plan de la maison moderne;
- 7) L'aventure du mobilier;
- 8) Une maison — Un palais;
- 9) Le plan "Voisin" de Paris;
- 10) La cité mondiale.

GEOMETRIA E SENSIBILIDADE

Paul Follot discorreu, no Instituto Esthetico, sobre o interessante thema *Geometria ou sensibilidade*.

Segundo Follot, a sensibilidade e a razão devem ambas animar a architectura e a arte applicada, mas é preciso estabelecer a dosagem. Si o espirito humano se liga ás abstracções, ao equilibrio, ás proporções, a sensibilidade gosta de achar o reflexo da natureza e da vida.

As fórmulas estritamente geometricas são fatalmente impressões e Paul Follot considera que se deve levar em conta que a natureza procura apropriar cada sêr á sua função.

A geometria applicada estritamente não offerece senão combinações limitadas de linhas rectas, de superficies planas e núas de volumes geometricos. Não é nefasta a escola que restringe as iniciativas do artista propondo-lhe, para resolver todos os problemas, um numero restricto de soluções. Mas os volumes geometricos não são os unicos volumes, a natureza offerece uma infinidade de outros, mais ricos, mais variados. Porque abandonar as linhas curvas se ellas servem de base ás grandes construcções humanas como o avião, o auto, o navio?

Paul Follot nesta serie interessante de motivos defende idéas que lhe são caras, persuadido que arte vive de independencia e que é preciso para se desenvolver, uma renovação perpetua, fruto dos esforços apaixonados dos artistas.

Paul Follot tem hoje a direcção artistica da casa Waring e Gillow de Londres.

NO MUSEU DE VERSALHES.

O Museu de Versalhes acaba de ser enriquecido com um retrato do cardeal Mazarin, por Philippe de Champaigne, e outro de Huysman, executado em pastel, por Forin. A respeito do retrato de Mazarin assignala "Le Temps" que o conservador do Museu fôra convidado para vêr o quadro e avisado do alto preço por que são vendidas as telas de Champaigne, offereceu 25 mil francos. O proprietario do quadro sorriu e objectou que

esperava um americano que o pagaria cem mil francos.

Effectivamente, o americano veio ver o quadro, pagou-o, apressando-se em oferecer-lhe ao director dos museus nacionais, acompanhando-o de um cheque de importancia respeitavel para attender ás necessidades correntes do Museu.

Proximamente serão abertas novas salas do Museu de Versalhes.

EXPOSIÇÃO MARY ZHULOF.

A Sra. Mary Zhulof realizou, no Palace-Hotel, uma curiosa exposição de vinte e cinco admiraveis trabalhos de pintura sobre sêda. Aproveitando, como elemento basico, o colorido do tecido, sobre elle constrôe a artista excellentes fantasias de uma modernidade excellente, em volumes curiosos e extranhos, flores fantasticas, paisagens extranhas, scenas primitivas e ingenuas. Interessante é o modo justo com que a artista surpreendeu a natureza e o ambiente brasileiro, no seu colorido ardente e nos seus volumes asperos. A *Flôr carioca*, por exemplo, é uma delicia de realidade e ha trechos do Rio de intenso objectivismo. Naturalmente, como arte applicada, tudo é feita num sentido decorativo, que o poder de synthese da artista torna mais vivaz e alegre. A simplicidade da factura augmenta o dinamismo da intenção.

NOTAS ARTISTICAS

— Foi inaugurado em S. Remo um pequeno museu, no quarto em que morreu o pintor hollandez Van Gogh, no antigo claustro romano de S. Paulo de Mansole. Foi ahi que, doente e recolhido pintou, na exaltação que a doença parecia augmentar, suas famosas têlas, entre as quaes seu proprio retrato, conhecido pelo nome — do homem de orelha cortada.



THEATRO FLUCTUANTE

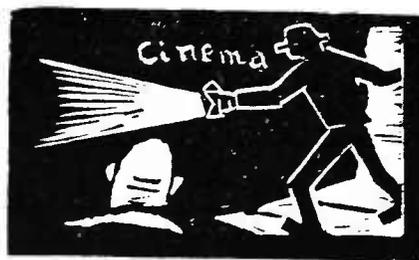
Os allemães resolveram organizar um theatro fluctuante, destinado a percorrer a maior parte dos paizes do mundo, representando as obras primas da scena allemã. Um navio especial, *Pro-Arte*, será adaptado, com installações moder-

nas e uma platea de cerca de 500 logares. Haverá camarins, salões de leitura e uma exposição permanente de obras de arte. O repertorio constará, não só de obras de Goethe, Schiller e outras peças classicas, como de varias modernas, de sorte que os espectaculos dêem uma idéa exacta da cultura allemã. Numerosas personalidades dos meios theatraes, artisticos e financeiros acolheram o projecto com entusiasmo, dando-lhe todas as facilidades possiveis, o que determinou entrasse logo em preparativos. A primeira viagem, que deverá durar cerca de um anno, obedecerá ao seguinte itinerario: Hamburgo, Bremen, os portos hollandezes, Londres, os portos espanhóes, os portos sul-americanos, Baltimore, Washington, Nova York, Boston e os Açores, donde regressarão, novamente, á Allemanha. Como bons allemães, não podiam deixar de installar, a bordo, uma fabrica de cerveja, que reproduzirá as antigas tavernas allemãs.

NOTAS THEATRAES

— René Fauchois pretende, no decurso deste mez, apresentar ao publico uma tragedia, em verso, intitulada — "Herodiade", e em novembro uma comedia em prosa — "L'inspiratrice".

— Annuncia-se de Santiago do Chile a proxima construcção de um theatro para as creanças, para tres mil localidades, com todas as commodidades imaginaveis e incombustivel. O theatro comportará todos os generos de representações. Comedias, cinema, podendo se adaptar tambem ás exhibições do circo. O director já encommendou aos melhores autores espanhóes peças especialmente escriptas para creanças.



CINEMA PARA CACHORROS.

No "Markle Arche Pavillion Cinema" realizou-se um espectaculo curioso e inédito, que bem demonstra a excentricidade ingleza. Exhibio-se nesse cinema um espectaculo exclusivamente destinado aos cães.

À entrada, um empregado controlava e verificava a identidade dos cães acom-

panhados dos seus donos. Só admittiam ao espectaculo os cães de grande raça e munidos dum authentic "pedigree". O primeiro film representava trabalhos de cachorros sabios, que foi contemplado pela assistencia com attenção e desdem. Um outro film, em que apparecia Carlitos em companhia de seu cão Rintintin, provocou latidos approvadores. Finalmente, o entusiasmo culminou chegando a um enorme barulho com o desenrolar de um film de caça.

Quando o cervo passou galopando na têla, tres grandes cachorros de caça desprenderam-se das correias de seus donos e avançaram sobre a têla, rasgando-a inteiramente. Contudo, apesar do incidente, o proprietario, satisfeito com a receita, promete uma exhibição semanal.

"REVUE INTERNATIONALE DU CINÉMA EDUCATEUR"

Publicada pelo Instituto Internacional do Cinema Educativo, da Liga das Nações, essa revista appareceu em julho deste anno e os dois numeros (julho e agosto) que recebemos, com collaborações de escritores de varios paizes, estudos especiaes sobre technica e a vida cinematographica, no ponto de vista educativo, mostram que essa publicação será um repertorio excellente de todos os esforços para tornar o cinema uma força altamente social na vida contemporanea.

Encontram-se artigos sobre o papel e os fins do Instituto do Cinema educativo, sobre o film e o ensino, a infancia e o cinema, a fiscalização do estado, o film como documento, etc., firmados por personalidades, como os Srs. Louis-Dop, G. Santini, J. Destrée, E. Seeger, H. Carton de Wiart, G. A. Sartorio, A. de Vicente, H. Curlis, W. Jerofeyew, N. A. Stroukov. Na parte consagrada aos trabalhos do Instituto, ha varias notas e commentarios sobre cinema falado, cinema ao serviço da organização scientifica do trabalho, aspectos legislativos do cinema, o film como instrumento de educação agricola e propaganda hygienica.

CONGRESSO CATHOLICO INTERNACIONAL DO CINEMA

Reuniu-se, recentemente, em Munich, o segundo congresso catholico internacional, que adoptou as seguintes conclusões:

1) Chamar a attenção dos catholicos sobre a enorme influencia que o film exerce sobre a sensibilidade e a consciencia e o grave dever que lhes in-

cumbe de concorrer com sua actividade para a cinematographia — e a necessidade de se organisarem em cada paiz em união com o officio catholico internacional com séde em Paris.

2) Affirmar sua vontade de colaborar com o industria cinematographica na mais longa medida para maior bem de todos.

3) Reconhecer a necessidade do cinema official e pedir que sejam proscritos os films que offendam á religião e á moral e que os catholicos sejam representados nas commissões de cinema, e bem assim que estas dediquem um cuidado particular em proteger a infancia e a mocidade.

4) Aconselhar a protecção da industria cinematographica contra as taxas pesadas que recaem sobre ella.

5) Convidar os poderes publicos e especialmente os deputados catholicos a favorecer o desenvolvimento dos films de instrucção, de educação e de distração sã.

A SITUAÇÃO DE UMA COMPANHIA CINEMATOGRAPHICA AMERICANA

Para se ter idéa da prosperidade de certas companhias productoras de films, basta attender-se ás cifras vultosas de seus interesses e capital. Adolpho Zuckor, conhecido magnata da cinematographia, registou 90 milhões de dollares, ou cerca de 730 mil contos, pela cessão de seus interesses na companhia de que é presidente — a *Paramount*, embora esta cessão não representasse o controle absoluto, o que significa dizer que a *Paramount* poderá se recapitalizar em 200 milhões, ou pouco mais de um milhão e seiscentos mil contos de réis. A filial da *Paramount*, a *Public Theatres Corporation*, controla actualmente mil theatros, e a *Paramount* acaba de obter, pela bagatella de 6 milhões de dollares, a participação de 50 % dos interesses na *Columbia Broadcasting System*, uma das mais poderosas companhias de radiophonia, e que possui, através do territorio norte-americano, 53 estações de emissão.

Extendendo a rede de seus negocios, subscreveu 3 milhões de dollares em obrigações da *United Artists*, o que permite a exhibição dos films produzidos pela companhia presidida por Joseph Scheuck em seus numerosos cinemas, e introduziu, para experiencias, no Rivoli de Nova York, o *Magma-film*. O *Magma-film* é uma possibilidade commercial. A vista é feita sobre pellicula de 56 millímetros em vez de 35, projectada em tela que mede 12 metros sobre 6, em lugar de 6 por 4. A imagem produzida

além de maior dá o effeito do relevo sendo o film fallado e em côres.

Essa nova revolução cinematographica é o resultado de experiencias começadas ha quinze annos.

A impressionante actividade desta companhia e sua evidente supremacia na industria cinematographica mundial provam o valor das iniciativas de seu presidente e de sua audaciosa visão.



UMA TETRALOGIA SYMPHONICA DE LORENZO FERNANDEZ.

Lorenzo Fernandez é uma das mais altas expressões da musica brasileira e a sua obra de intenso nacionalismo e viva modernidade se impõe na formação musical do nosso paiz. Desde o "Trio Brasileiro" se revelou o artista excellentc, que temos applaudido com entusiasmo e cujo nome já se irradia fóra do Brasil, tendo sido convidado, como noticiamos no ultimo numero, para representar, juntamente com o admiravel Villa Lobos, o Brasil, no certamen musical de Barcelona.

No dia 2 do mez passado, Lorenzo Fernandez fez executar, em primeira audição, no concerto symphonico do Instituto Nacional de Musica, o seu poema *Imbapára*, de inspiração india, o primeiro da tetralogia em preparo, cujos seguintes serão: *Nau catharineta*, poema branco; *Macumba*, poema negro; *O maior*, poema sertanejo, dando, assim, uma synthese do espirito nacional, através das suas expressões ethnicas fundamentais. Poder-se-ia discutir que, no Brasil actual, nem o negro é mais da macumba, nem o branco, o luso authentic, porque outras raças e outras influencias já modificaram esse aspecto primitivo. Mas, isso pouco interessa e não será na arte que a anthroposociologia fixará suas leis. A arte vale pela emoção e se o artista assim sentiu o Brasil, bem haja pela obra que realizou.

Imbapára, pela exuberancia e colorido, pelo grande lirismo em que se dissolvem os motivos, pela força suggestiva da expressão, é um poema de grandes linhas, com imaginação vibrante e construido com admiravel solidez technica. Um distincto critico delle fez a seguinte descrição, que vale transcrever:

"Divide-se o poema em tres partes, ligadas entre si.

Numa atmosphaera bucolica, ouve-se, exposto *muito piano*, um thema indio authentic, que logo se perde na intensidade crescente da immensa elegia entrecida pelos varios elementos da orchestra. O thema marcial (designado sob n. 1), de rara felicidade, typico, energico, apparece pela vez primeira, exposto pelos trombones, e não mais desaparece de todo ate o final. Os rythmos estranhos, os subrythmos sobrepostos ou alternados, a escala pentatonica, unidos a todas as riquezas da polytonalidade e das opulentas combinações do moderno colorido orchestral, contribuem para o realce dos felizes incidentes, que, em meio da caudal, vão conduzindo o poema para a 2.ª parte, em que o thema n. 2, exposto inicialmente pela clarineta, se desenvolve em curiosa dansa exotica, duma flexibilidade e ardor tropicaes de suggestivo encanto poetico.

A parte final é de complexidade maior e tambem de crescente interesse, pela variedade rythmica, pelos jogos de timbres, pelos pormenores que antes ali-geiram do que sobrecarregam a obra.

Sobre um rythmo mysterioso e obstinado dos timbalos, o thema n. 3, exposto espirituosamente pelas madeiras, evolue com elegancia até uma grave meditação que termina numa dansa de character selvatico e de colorido funebre (thema n. 4, nas trombetas) de poderoso effeito. Approximando-se o final, apresenta-se um novo thema, iniciado, *pianissimo*, nas trombetas (thema n. 5), o qual, realçado por um segundo thema, de character ornamental, e em meio de reminiscencias de todos os themas anteriores, vae num *crescendo* barbaro e turbilhonante, concluindo, triumphalmente, em toda a orchestra."

A SITUAÇÃO DOS MUSICOS INGLEZES.

Miss Margaret Bondfield, ministra do Trabalho da Inglaterra, respondendo ás observações feitas por uma delegação do *Trades Council* de Londres, do Sindicato de musicos e da Associação nacional do pessoal dos theatros, expoz a politica que conta seguir em materia de immigração de musicos estrangeiros. Miss Bondfield declarou que compreende perfeitamente a gravidade da situação que levará naturalmente á dispensa de musicos em virtude da introdução de apparatus mecanicos de musica (cinema falado por exemplo); mas acha que a pratica seguida pelo seu ministerio para

a autorização de entrada de músicos estrangeiros salvaguardará os interesses dos ditos músicos britânicos, em tudo quanto depender do referido ministério. Reconheceu, todavia, que é impossível, em certos casos, velar mais estritamente, sobre a observância das condições prescritas.

Miss Bondfield lembrou áquella delegação que a industria dos espectáculos está muito internacionalizada o que, de certo modo, implica o emprego de estrangeiros. Deu a entender que toda restrição grave poderia, em ultima analyse, ser prejudicial aos interesses dos músicos inglezes e impedil-os de encontrar contractos no estrangeiro.

NOTAS MUSICALS

— Prepara-se em Bayreuth a proxima estação de 1930, que terá importancia especial, devido á regencia do maestro Toscanini. Os ensaios do "Tannhauser" estão muito adeantados e será levado á scena com a maior sumptuosidade. Com "Tannhauser" serão em seguida representados a Tetralogia, "Parsifal" e "Tristão e Isolda".

— Em Aversa, logar de nascimento do celebre compositor Cimarosa, foi erigida uma estatua á sua memoria.

— Lodovico Rocca acaba a partitura de sua nova opera sobre o *Djibouk* de Ausk. Onofrio Altavilla terminou uma opera em tres actos, intitulada, o *Pequeno Lulli* e uma outra com libreto de Lazzari, denominada *Chidda di Malaspina*. Vincenzo Tomasini compoz um trecho symphonico, o *Carnaval de Venesa*, variações a Paganini, que será executado pela primeira vez nos Estados-Unidos, sob a direcção de Toscanini.

BOURDELLE

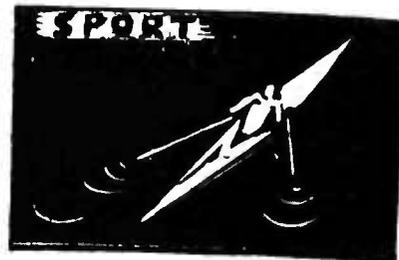
No mesmo anno em que marcou o apogêo do seu genio artistico, com o monumento a Mickiewicz, morreu Bourdelle. Discipulo de Rodin, liga-se mais á tradição franceza do que o seu mestre, caracterizando a sua arte uma profunda intensidade dramatica e admiravel perfeição technica.

Simples registo de ultima hora, estudaremos, no proximo numero, a arte de Bourdelle que, no Brasil, tem um discipulo no escultor Celso Antonio, embora hoje afastado do mestre, para se integrar no modernismo brasileiro.

— Mascagni está decidido a não mais compôr novas operas. Uma resposta dada á revista *Le opere e i giorni*, declara elle não lhe faltar inspiração mas não vê razão para escrever uma obra lyrica. Para apoio de suas razões, diz o autor da popular *Cavallaria Rusticana*, "que a maioria do publico não se interessa mais pela opera, porque esta é um prazer da alma e que hoje a tendencia geral parece ser de esconder a alma e evitar o mais possivel a lembrança desta pequena fraqueza humana. Procura-se excitantes e não prazeres artisticos, quer-se divertir com o sensacional que quebra os nervos e torna o homem incapaz de fazer no dia seguinte trabalho sério."

O publico pede á musica novas sensações, ideias que não sejam o fruto da intelligencia e não o da intuição e o

do sentimento, ideias que não atinjam ao coração.



CAMPEONATO BRASILEIRO DE ATHLETISMO.

É uma salutar realização a que promove, este anno, a Confederação Brasileira de Desportes, de um campeonato nacional de atletismo. Felizmente, já se vae reconhecendo que a utilidade do sport não consiste sómente no preparo de competições, mas sobretudo na formação de uma mocidade forte e sadia. Para isso, o atletismo está em primeiro plano e, ainda no numero passado, insistiamos pela necessidade da educação athletica ser separada das disputas sportivas. O que foi o atletismo como elemento de organização do exercito francez, por exemplo, é bem conhecido e por isso vemos a preocupação que, no nosso, vem tomando a cultura physica, orientada nos methodos salutarees adoptados na França, pela missão militar que instrue o exercito nacional.

O campeonato de atletismo deste mez, reunindo representações de varios estados, vae concorrer para despertar no paiz inteiro uma optima emulação e desenvolver as preocupações de cultura physica, que, sem duvida, deve ser um grande esforço no Brasil, quando se cuida ainda de fixar o tipo nacional.

MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungalows e apartamentos

Apresentação de modelos novos

em aposentos especialmente decorados

MAPPIN STORES

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147